



VERUS
EDITORIA

Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

FEVEREIRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Audrey Carlan

A *garota* DO CALENDÁRIO



FEVEREIRO

Tradução

Andréia Barboza



VERUS
EDITORA

Star Books Digital

A graphic element consisting of a teal-colored stylized book shape with two small squares, one purple and one pink, to its right.

Editora

Raïssa Castro

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Copidesque

Lígia Alves

Foto da capa

© Valua Vitaly/Shutterstock (casal)

Título original*Calendar Girl: February*

ISBN: 978-85-7686-525-4

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário [recurso eletrônico]: fevereiro / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital (A garota do calendário; 2)

Tradução de: Calendar Girl: February

Sequência de: A garota do calendário: janeiro

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-525-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título. III. Série.
16-33378

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Jeananna Goodall

Há um ano lancei meu primeiro romance.

Desde então, você foi minha líder de torcida, leitora beta e fã número 1.

Agora, sinto-me honrada por chamá-la de amiga.

Você ama meus personagens como se fossem seus e me mantém emocionalmente conectada a eles.

Você tem muitos dons e talentos. E sou grata por compartilhá-los comigo.

Amor e luz.



As portas de ferro retorcidas e enferrujadas do antigo elevador fizeram um barulho alto quando o motorista as puxou para fechá-las. Ele não havia dito uma palavra além de “Você é a Mia?”, quando desci a escada rolante do setor de desembarque do Aeroporto Internacional de Seattle-Tacoma. Achei que seria seguro acompanhá-lo, já que ele exibia uma placa com meu nome completo, e tia Millie avisara que eu deveria esperar um homem gigante com aparência de lenhador para me levar ao meu próximo cliente. A parte do gigante não era brincadeira, e ela não estava falando da estatura. O cara era apenas alguns centímetros mais alto que eu, mas o que lhe faltava em altura ele compensava em largura. Me fez pensar em um lutador profissional ou um fisiculturista.

Ao chegar ao décimo andar, o elevador parou bruscamente, balançando e me atirando contra o brutamontes ao meu lado. Ele era uma parede, e nem piscou quando o atingi; apenas grunhiu como um animal. As portas enormes se abriram e ele me conduziu para o que parecia ser um galpão. As vigas e tubulações eram visíveis, e o teto estava a uma distância de pelo menos dez metros do chão de concreto. Havia pessoas por todos os lados, metade delas nua.

No que foi que eu me meti agora?

Flashes brilhavam, canhões de luz e refletores eram movimentados em carrinhos, enquanto eu, parada na entrada, tentava assimilar tudo aquilo. O brutamontes encostou minha bagagem em uma parede lateral e apontou para um homem agachado com uma câmera colada ao rosto.

— Sr. Dubois — ele resmungou. Então se virou abruptamente e entrou no elevador do qual tínhamos acabado de sair, me deixando ali sozinha.

— Um homem de poucas palavras. — Soltei lentamente o ar que enchia meus pulmões. Eu não sabia o que fazer. Deveria me sentar em um canto e esperar que alguém se aproximasse, torcendo para que não fosse um dos homens ou mulheres nus espalhados por todo lado, ou seria melhor incomodar o cara que estava fotografando alguma coisa que eu não conseguia ver?

Em vez de esperar, decidi fazer o reconhecimento do ambiente e andar por ali. Era um loft, mas não era usado para morar. Janelas frágeis cobriam as paredes à direita, algumas totalmente abertas e outras bem fechadas. Parecia necessário ter uma manivela para abri-las, o que eu achei muito legal e retrô. Mulheres nuas e seminuas

estavam ali, me avaliando enquanto se moviam diante de telas brancas gigantescas. Elas não estavam posando, na verdade. Só ficavam na frente das telas, se movimentando, enquanto assistentes vestidos de preto aperfeiçoavam cada posição com mudanças sutis nos cotovelos ou nos pés delas. A cada nova mudança, os assistentes se afastavam, tiravam uma única foto e começavam tudo de novo. Minúsculos movimentos novamente, e depois outra foto. Era muito esquisito.

Fui para outra área, onde um casal nu estava deitado sobre uma enorme tela branca, que devia ter pelo menos três metros por três. Um dos assistentes subiu em uma pequena escada, indo até uma plataforma que ficava exatamente em cima do casal, e lentamente despejou o que parecia ser tinta azul brilhante sobre cada centímetro dos dois corpos.

— Não se mexam! — ele gritou. — Vamos ter que começar tudo de novo, e o sr. Dubois não vai gostar disso — acrescentou, com firmeza. O casal se manteve unido, as mãos da modelo ao redor da cabeça do homem, como se estivesse prestes a beijá-lo. Os braços dele estavam em volta dela: uma das mãos na bunda, segurando uma perna em cima de seu quadril, e a outra na parte de trás da cabeça.

A tinta escorria pelas pernas do casal e pingava na tela.

— Continuem assim — o homem ordenou. Eu estava tão fascinada com aquela cena estranha que não ouvi quando uma pessoa se aproximou por trás de mim, até que meu cabelo foi afastado do pescoço.

— Perfeição — ouvi um sussurro em meu ouvido, antes que um beijo me tocasse a pele nua, onde o ombro e o pescoço se encontram.

Eu me afastei sem olhar para onde estava indo, tentando escapar do estranho que havia me tocado, quando esbarrei em algo atrás de mim. Antes que eu pudesse me virar, minha bota enganchou na borda da tela e eu caí em cima da plataforma onde o cara irritado segurava o balde de tinta. O que veio a seguir foi um caos absoluto. O homem com o balde foi tombando para a frente e a tinta azul pegajosa voou, espirrando na tela e na lona que protegia o concreto.

O casal embaixo deve ter percebido o que estava para acontecer, pois o homem rolou com a garota nua como se tivesse sido treinado pelas forças armadas. Ele se poupou de ser encharcado com mais tinta e escapou da plataforma, prestes a desabar sobre eles.

Eu não tive tanta sorte.

Quando caí para trás, meu outro salto atravessou a lona grossa e ficou preso, enquanto meu corpo se curvava na direção oposta. Gritei quando meu tornozelo torceu dolorosamente e levei um baita tombo sobre a tinta azul e a lona rasgada.

— Deus do céu! — O homem de quem tentei fugir entrou naquela bagunça e me puxou pelos braços. Seus olhos castanho-dourados eram hipnotizantes e pareciam preocupados. Pequenas linhas nos cantos dos olhos revelavam que ele

provavelmente era uns dez anos mais velho que eu. O cabelo castanho-claro, com mechas naturais em nuances douradas e avermelhadas, estava preso em um pequeno coque. A mandíbula era perfeita, e os lábios grossos eram margeados por uma barba cuidadosamente aparada. Nunca saí com alguém de barba, mas encarar esse homem, com seus braços fortes me segurando bem junto a seu corpo alto e musculoso, me levou a perguntar por que eu nunca tinha experimentado. Ele era tão lindo que foi quase impossível desviar o olhar. Lembrava o Ben Affleck, só que mais gostoso.

— Eu não queria assustá-la. Vi você ali, parada, e a sua beleza estava muito além da de qualquer modelo. Eu tinha que beijar sua pele dourada. Você deve ser a *minha Mia* — ele disse. Os olhos cor de caramelo me esquadrinharam da ponta dos cabelos até os saltos das botas. Por sinal, eu queria jogar essas botas longe assim que conseguisse libertar meu tornozelo, que inchava rapidamente.

Apoiei o pé machucado no chão para fazer um teste rápido. A dor atingiu o tornozelo, irradiando pela perna. Gritei e agarrei os antebraços do homem, enfiando as unhas em sua carne.

— Meu Deus, você se machucou de verdade!

— Não diga. — Revirei os olhos quando ele passou os braços longos por baixo dos meus joelhos, me pegando no colo como se eu fosse uma princesa, e me levou até uma namoradeira. Mas não era uma namoradeira comum. O encosto era curvado, começando alto em uma extremidade e diminuindo até chegar à outra. Era o tipo de móvel que se vê em filmes românticos antigos, aqueles nos quais a donzela em perigo desmaia sobre ela com a mão na testa e um belo suspiro. Já eu estava rangendo os dentes, pronta para morder qualquer um que tentasse mover minha perna.

— Vou chamar um médico! — Um dos homens de preto disse ao estranho, que, a essa altura, eu imaginava ser meu cliente.

— Não, *ce n'est pas nécessaire* — meu protetor respondeu rapidamente, em um francês perfeito. — Entre em contato com o 3B. É uma médica amiga — continuou, com os olhos presos nos meus. — Você vai ficar bem, Mia — ele assegurou. Quando falou com aquele leve sotaque, pensei que eu fosse desmaiar. Senti um aperto forte entre as coxas. Homens com sotaque são insuportavelmente sensuais. Ok, a sensação pode ter sido causada pela dor intensa, mas eu tinha certeza de que era a primeira opção.

Em poucos instantes, uma mulher miúda entrou correndo, segurando o que parecia ser uma maleta de médico daquelas antigas. Ela se apresentou e me ajudou a tirar a bota sem que doesse ainda mais. Mãos abençoadas. Ouvi um riso abafado atrás de mim enquanto a médica examinava meu tornozelo. Olhei para meu cliente, que eu sabia ser Alec Dubois, embora ainda não tivéssemos nos apresentado.

— Que foi?

— Suas meias. Realmente encantadoras, *ma jolie* — ele terminou em francês, e isso foi sexy pra caramba, embora me irritasse ainda mais, porque eu não sabia o que significava. Poderia ser algo como “desajeitada” ou “idiota”; eu nunca saberia. Olhei para minhas meias natalinas e em seguida para a médica. Os lábios dela se curvaram, mas a mulher manteve a postura profissional enquanto me examinava. Dela eu gostei, mas o bonitão da câmera ainda estava sob avaliação.

— Bem, não está quebrado. Você sofreu uma entorse leve. Vou imobilizar o seu pé e ele vai melhorar em algumas semanas. Você precisa descansar, colocar bastante gelo, deixar o pé para o alto, acima do coração, sempre com a tala. Sugiro que use muletas para se movimentar — ela disse. Meus ombros caíram com a sensação de derrota. Eu odiava muletas. O mundo inteiro odeia muletas. Elas são um saco. Droga. Tudo o que eu não queria era que a pele ao redor das minhas axilas ficasse em carne viva ou tão ferida quanto o tornozelo, especialmente em um trabalho novo. Eu me perguntei se o homem desistiria da compra. O pânico invadiu meu coração quando pensei em meu pai e no dinheiro da próxima parcela. O que eu diria a Blaine se o francês não me quisesse mais?

— Vou cuidar muito bem de você, *ma jolie*. Não precisa se preocupar com nada. — Alec sentou-se ao meu lado, colocando um braço protetor ao redor da minha cintura e me puxando para perto, tão perto que era como se me conhecesse havia anos, e não alguns instantes. Definitivamente, ele não sabia o que era invasão de privacidade. Mesmo assim, aquilo foi bom e me deixou aliviada por saber que o cara não me mandaria para casa. — *Retournez au travail*. — A instrução óbvia foi pontuada com alguns movimentos de braço antes que ele me levantasse como se eu não pesasse nada.

— O que foi que você disse? E o que está fazendo? — Eu me agarrei a seus ombros para não cair enquanto ele caminhava em direção ao elevador.

— Levando você para casa, para descansar. Deve estar exausta da viagem. E agora, com o tornozelo machucado, precisa se deitar. — Seus olhos eram gentis quando ele me encarou. — E eu falei para o meu pessoal voltar ao trabalho. — O sotaque estava mais forte agora, mas era óbvio que ele estava nos Estados Unidos havia muito tempo. Seu inglês era perfeito.

Bufei, mas me segurei a ele.

— Isso é tão estranho. Desculpe pela tinta e pela bagunça. Agora eu estou com o tornozelo torcido quando, supostamente, deveria ser uma musa espetacular.

— Ah, mas você é *muito spectaculaire*. Tem os melhores atributos, e as metades do seu rosto são imagens perfeitamente espelhadas — explicou, como se anunciasse algo surpreendente, embora eu realmente não tenha entendido nada.

Balancei a cabeça.

— Não sei o que você quer dizer com “imagens espelhadas”.

Um dos homens de preto de Alec nos seguiu até o elevador, carregando minha única mala. Apertou o botão do décimo segundo andar, que era o último. Alec não respondeu à minha pergunta enquanto saíamos do elevador e eu era carregada para outro loft. Este tinha o mesmo estilo e tamanho do anterior, mas era completo, com cozinha, sala de estar e uma escadaria que presumi levar a um quarto. Não havia paredes, exceto no canto, onde existia uma porta. Se eu fosse uma mulher de apostas, coisa que sou — meu pai me ensinou tudo o que sabe sobre jogos de azar —, apostaria que atrás daquela porta havia um banheiro.

Ele me levou até lá e, sim, era um banheiro. Fui até a pia pulando em um pé só quando ele me soltou. Do nada, minha mala apareceu e Alec a vasculhou, puxando uma camiseta e um short de pijama.

— Aqui, vista isso. Vou pegar algo para você colocar a roupa suja. — Em instantes, ele voltou e me entregou um saco plástico. — Tudo bem? — perguntou, com a mão sobre a maçaneta.

— Sim. Obrigada. — Senti o rosto esquentar enquanto ele fechava a porta.

Idiota, idiota, sua desajeitada idiota! O mais rápido possível, joguei no saco o jeans e a camiseta cobertos de tinta e vesti a roupa limpa. Quando terminei, lavei toda a tinta que consegui ver no meu corpo. Eu precisava de um banho, mas agora tinha que resolver as coisas com meu cliente, avaliar seu estado de espírito e saber se ele estava com raiva de mim.

Quando abri a porta do banheiro, ele estava lá e me pegou no colo novamente.

— Ooops! — Engoli em seco quando ele me carregou e me colocou sentada num sofá de veludo no tom mais profundo de roxo. Tão escuro que era quase preto, mas, se você passasse a mão sobre ele, as fibras se moviam e deixavam um tom mais claro, de berinjela. Assim que me acomodei confortavelmente, com o pé sobre o pufe à minha frente, Alec se sentou, puxando meu tornozelo dolorido para seu colo. Inclinei-me para a frente e segurei as laterais da minha perna, sem saber como responder a um homem que me tocava com tanta liberdade.

— Vamos à sua pergunta sobre imagens espelhadas?

Assenti e mordi o lábio. Ele levantou a mão e traçou o centro do meu rosto com o dedo. Partiu da linha dos cabelos, passou pela testa, por cima do nariz, entre os lábios e parou no queixo. Um arrepio percorreu meu corpo com aquele toque morno, ou talvez tenha sido a maneira sensual como ele me olhou, como se eu fosse a mulher mais linda do mundo. Wes me olhava assim. Droga, Wes me fazia *sentir* assim. Uma pontada de culpa me atingiu, mas eu a afastei. Wes e eu não éramos um casal. Amigos coloridos, certamente... com a esperança de algo mais. Um dia, talvez. Não agora.

— Se você cortar o seu rosto aqui, bem no meio — ele traçou minha face com a ponta do dedo, o olhar aparentemente perdido nessa tarefa —, cada lado vai espelhar

o outro.

Fiz uma careta.

— Isso aconteceria com o rosto de qualquer pessoa.

Sua mão pousou em minha bochecha, os longos dedos se entrelaçando em meus cabelos escuros, segurando minha nuca.

— Sim, *ma jolie*, mas o rosto das outras pessoas não é simétrico. O seu é perfeito. Igual dos dois lados. Nenhum lado é melhor ou pior que o outro. Isso é incomum. Surpreendente. Você é única. — Alec estava muito perto de mim e pressionou um beijo quente em minha bochecha. — Amanhã nós começamos a trabalhar, *oui*? Hoje, descanse. — Ele colocou meu tornozelo inchado sobre o pufe novamente, depois de arrumar um travesseiro embaixo dele. — Tenho coisas a fazer agora — anunciou, movendo-se como se já estivesse distraído com as tarefas que tinha pela frente.

Cara interessante esse Alec Dubois.



Durante toda a tarde, sem disposição para enfrentar as escadas até o andar de cima do loft em uma perna só, tentei caminhar por ali, cochilei, liguei para minha melhor amiga, Ginelle, e avisei a tia Millie que tinha chegado. Tanto Gin quanto tia Millie acharam hilário o fato de eu ter torcido o tornozelo e estar presa, à mercê de um artista francês sensual. Gin me chamou de vaca sortuda, e tia Millie encerrou a ligação com um “Divirta-se, boneca”.

Ouvi a campainha do elevador e o barulho do metal quando as portas foram abertas. Eu não conseguia ver nada de onde estava, no sofá, mas não precisei esperar muito. Alec atravessou a sala carregando muletas e uma embalagem branca de restaurante delivery, com um cheiro delicioso de comida chinesa. Sem demora, colocou o pacote sobre a mesa de centro e encostou as muletas na lateral do sofá. Em seguida, veio para o meu lado e se sentou.

Antes que eu pudesse abrir a boca, Alec segurou meu pescoço com as duas mãos, os polegares sobre minhas bochechas, e deu um beijo em cada uma. Seus lábios estavam quentes, e continuei a sentir seu calor muito tempo depois de ele ter se afastado para olhar em meus olhos.

— Como você está, *ma jolie*?

— Hum... Bem, eu acho. — Pisquei e ele sorriu. — O que quer dizer *ma jolie*?

Os lábios de Alec se curvaram quando ele inclinou a cabeça de lado. Esticou a mão e afastou da minha testa uma mecha de cabelo, colocando-a atrás da orelha. O ar ao nosso redor era denso, prometendo alguma coisa que eu não sabia nomear.

— Significa “minha bela”.

— Ah, certo — sussurrei, incapaz de desviar o rosto daqueles olhos castanho-

dourados.

— Com fome? — ele perguntou, o sotaque se acentuando.

Assenti com a cabeça. Minha garganta secou enquanto o observei se levantar, entrar na cozinha e voltar trazendo pratos e utensílios para servir, antes de se sentar bem perto de mim. O lado inteiro de seu corpo estava colado ao meu. Se eu me afastasse, ele perceberia, e eu não queria causar outra má impressão em meu cliente. Então, suportei seu calor. E seu cheiro. Aquele cheiro seria a minha morte. Era uma mistura de tinta fresca e Hugo Boss. A única razão para eu conhecer a fragrância era o fato de ter trabalhado em uma loja de perfumes num shopping em Las Vegas. Me faziam pulverizar todo tipo de porcaria nos clientes. Tanto que, quando eu saía da loja, parecia um saco de pot-pourri ambulante. O Hugo Boss tem um cheiro gostoso de homem que parece penetrar em minhas narinas e atingir o alvo na área entre minhas pernas.

Fazendo um esforço, tentei me afastar um pouco. Alec olhou para mim e piscou enquanto servia chow mein e frango xadrez num prato.

— Espero que você goste de comida chinesa. — Estendeu-o para mim.

Segurei o prato com avidez, levando-o para perto do rosto, fechei os olhos e inalei o aroma celestial de frango, molho e macarrão fumegante. O cheiro era tão bom que me deu água na boca, e eu gemi. Quando olhei para ele, Alec tinha parado de se servir e estava me encarando. O que vi quase me fez engasgar. Os olhos dele estavam em chamas. O desejo era visível. Ele nem tentava esconder.

— Sua beleza é impressionante. — Ele tocou minha bochecha e a segurou. Inadvertidamente, curvei o rosto na palma de sua mão, selando a conexão. Fazia apenas alguns dias, mas eu sentia falta de um toque masculino. Alec traçou meu lábio inferior com o polegar e sua voz ficou rouca. — *Tu est un cadeau de Dieu au monde.*

— O que significa?

— Um presente de Deus para o mundo. É o que você é. E eu pretendo mostrar a todos a glória desse presente.

Alec acha que eu sou um presente para o mundo. Um belo presente.

Não fui capaz de responder. Não quando ele deixou seu jantar de lado. Nem quando pegou meu prato e o colocou sobre a mesa. Muito menos quando se inclinou em minha direção até que estivéssemos a pouquíssimos centímetros um do outro. Mas respondi no momento em que meu cérebro, exausto, registrou seu beijo.

Quente, macio e doce. Sua boca roçou a minha antes que ele sugasse meu lábio inferior e passasse a língua ao longo da pele sensível. Isso foi o máximo que aconteceu antes que eu agarrasse seu pescoço e o puxasse para mais perto. Meus dedos tentaram se entrelaçar em seus cabelos. Não desisti quando me deparei com um elástico. Puxei-o até que cedesse, e um cabelo grosso, cheirando a limão, caiu

em ondas contra meu rosto, envolvendo nosso beijo no refúgio das mechas longas. Alec segurou meu queixo e virou minha cabeça para o lado, deslizando a língua para dentro e para fora, descobrindo o que me fazia arrepiar, gemer e morder. E foi o que eu fiz. Mordisquei seus lábios como um animal faminto faria com um bife. Ele não pareceu se importar. Em certo momento, tive certeza de que ele rosnou — sim, rosnou —, tornando o beijo impossivelmente mais profundo.

A excitação rugiu através do meu corpo, e eu enrijei, querendo trazer Alec para mais perto, precisando dele. Quando tentei me deitar no sofá para que ele ficasse em cima de mim, Alec se afastou. Sua testa descansou contra a minha.

— *Très jolie fille* — ele sussurrou, no idioma que estava rapidamente se tornando uma tara para mim. Não que antes não fosse, mas, depois que tive seus lábios nos meus e sua língua em minha boca, aquelas palavras acariciavam meus sentidos tão facilmente quanto eu imaginava que seu toque faria. Com vigor, desejo e luxúria. — Calma, *chérie*. — Seu tom era um murmúrio e um bálsamo para o calor que ardia dentro de mim. — Vai haver tempo de sobra para nós nos conhecermos fisicamente. Eu quero aproveitar você, antecipar o seu sabor na minha língua, a sua pele suave na ponta dos meus dedos, o seu corpo na minha tela.

Eu me afastei e nossos olhares se prenderam.

— Uau. — Mordi o lábio e engoli em seco. Ele sorriu.

— Acho que “uau” é um eufemismo. Vamos comer e conhecer um ao outro em todos os níveis. Só assim a manifestação física da nossa união vai ser tão doce quanto possível.

Alec Dubois era um cara bizarro. Quem fala assim? “A manifestação física da nossa união”? Ele deve ter passado muito tempo lendo o Yahoo! Respostas.

— Você é um cara estranho — falei, antes de pegar meu prato. Apoiei-o no colo e abocanhei uma grande garfada de macarrão. Dos deuses! Quase tão bom quanto o beijo que acontecera minutos antes.

Alec inclinou a cabeça para trás e gargalhou. Viu? Totalmente estranho.

Ele pegou seu prato e se serviu, depois se recostou no sofá, colocou os pés ao lado dos meus no pufe, virou a cabeça para o lado e olhou para mim.

— Ah, meu doce. Você não faz ideia, mas em breve vai saber. Vamos comer.



Naquela noite, depois de me empanturrar com a melhor comida chinesa que já provei, Alec me carregou até o andar superior do loft e me colocou em sua cama. Era nítido que não havia outro quarto no galpão convertido em apartamento. Independentemente disso, ele não supôs que dormiríamos juntos, mesmo depois do beijo. E isso me deixou muito grata. Eu precisava dessa noite para me encontrar nesse novo mundo.

Era difícil para mim não estar na casa de Wes, escondida na encosta, em Malibu, me sentindo no sétimo céu em minha cama de nuvens. Não, eu estava apoiada em uma cama king-size firme, mas confortável, e rodeada de tons e texturas interessantes. Azul suave, cinza mesclado e alguns tons de azul-escuro entremeados. A cama ficava sobre uma pequena plataforma com cabeceira de madeira maciça, sem os pés, e tinha muitas almofadas para permitir relaxamento total. Havia pouca mobília naquele espaço. Uma cômoda elegante, quadrada e com cinco gavetas, dois criados-mudos minimalistas, sobre um deles uma luminária e sobre o outro uma pilha de livros. Examinei os títulos e observei que vários eram em francês. Alguns tinham selos de biblioteca, com números que indicavam um sistema de indexação. Acho que o cara gostava de ler e era sócio de uma biblioteca. Por algum motivo, isso me fez sorrir por dentro e por fora.

Até então, Alec tinha sido um perfeito cavalheiro. Não me mandou embora quando torci o tornozelo e foi muito carinhoso durante o jantar na noite anterior. Mesmo que tivesse um ar distraído, quando se concentrava em mim, me cobria de atenção. Uma mulher poderia se acostumar a ser olhada como se o mundo ao redor tivesse congelado. Depois, é claro, houve aquele beijo. Arrepios de excitação formigaram em minha coluna quando me lembrei daqueles lábios quentes. Sua língua sabendo exatamente como provar e agradar... foi surpreendente. O fato de ele ter me beijado foi uma surpresa, mas nem tanto. Quer dizer, o cara passou muito tempo invadindo meu espaço. Ele me tocou mais no primeiro dia do que qualquer outra pessoa, incluindo Wes, e olha que Wes *realmente* gostava de me tocar.

Wes.

Não, eu não me permitiria seguir por esse caminho. Nós dois concordamos que seríamos amigos e seguiríamos em frente quando nos despedimos. Ele sabia que eu faria o que fosse preciso para salvar meu pai, e eu não iria me privar de nada. Essa

não sou eu. Uma vez que consegui uma amostra do calor e da paixão que Wes me deu, eu ansiava por aquilo. Precisava daquilo. Me sentia desolada sem aquilo. Mas suspeitava que era como arrancar um band-aid: você grita de dor por alguns segundos e depois tudo acaba. Eu estava pronta para outra. E era exatamente isso que eu planejava fazer. Havia química entre mim e Alec, isso era certo. A julgar pelo beijo, imaginei que ele seria bom de cama, e a maneira como ele me mostrou que isso também passava pela sua cabeça reforçou a expectativa. Hora de me divertir. De curtir.

Em algum momento no meio da noite, Alec apoiou minhas muletas na parede perto da cama. Olhei ao redor e fui pulando na direção do pequeno armário. Todas as roupas penduradas nos cabides eram masculinas. Nada feminino, com babados ou cor-de-rosa à vista. Hum. Parte do meu contrato estabelecia que ele deveria fornecer a roupa apropriada para minha estadia de um mês. *Onde será que ele colocou minhas coisas?* Abri as gavetas da cômoda metodicamente, observando o conteúdo. Cuecas boxer, meias, calças de pijama, camisetas e jeans, tudo masculino. Nada para mim.

Minha mala também foi deixada ali em algum momento da noite, então peguei um jeans e uma camiseta comprada num show do Radiohead. Ginelle e eu pulamos e gritamos tanto naquele show que ficamos sem voz no dia seguinte. Mas nem ligamos: Thom Yorke é incrivelmente talentoso, e, quando uma banda como Radiohead ia a Vegas, eu fazia o que fosse para conseguir ingressos.

Assim que me vesti, calcei um tênis e mantive o outro pé enfaixado e imobilizado. Sentei no alto da escada, deixando as muletas deslizarem para baixo, e usei a força dos braços e do bumbum para descer sem forçar o pé. E me senti muito bem por ter me virado sozinha.

— Ei, eu teria ajudado você a descer, *ma jolie*. — Alec saiu do balcão da cozinha e veio até mim. Minha boca se abriu. Ele estava usando somente uma calça xadrez de pijama, exibindo o peito bronzeado e definido. Um verdadeiro banquete para os olhos. Os cabelos eram longos, ondulados e caíam sobre os ombros. Os tons eram hipnotizantes: nuances de marrom, castanho-avermelhado e dourado. Ele se aproximou de mim como se estivesse em câmera lenta. Os músculos de seu abdome se contraíram quando ele se curvou para me ajudar com as muletas. Apoiei a mão em sua cintura e senti apenas um músculo sólido.

Santa Mãe de Deus, eu estava encrencada.

Ele me ajudou com as muletas e me levou até uma banqueta na cozinha. Assim que me sentei, ele se virou e eu não pude conter a explosão de ar que deixou meus pulmões. Alec se pôs de lado e percebeu por que eu estava babando. Do lado esquerdo de suas costas, do ombro até as costelas, havia uma tatuagem preta enorme. Era um turbilhão de palavras em francês.

— Sua tatuagem... é... — Olhei com admiração, sem palavras. — É linda — finalmente terminei.

Alec foi até o fogão e, com uma única mão, quebrou dois ovos numa frigideira. Por um instante, me perguntei se ele me ensinaria a fazer aquilo antes que nosso mês terminasse.

— *Merci* — respondeu, quebrando mais dois ovos. Então colocou várias tiras de bacon em outra frigideira. Instantaneamente, aquilo começou a estalar e crepitar.

— O que está escrito aí?

Ele ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha e se movimentou pela cozinha, parecendo muito à vontade seminu. Observei seu corpo se mover até que ele pegou uma caneca de cerâmica multicolorida em um gancho e a encheu de café.

— É um poema de um escritor francês, Jacques Prévert. Ele o escreveu em 1966. — Alec apontou para o café à sua frente. — Creme ou açúcar?

— Os dois, por favor — respondi. Ele completou a caneca, colocou-a diante de mim, depois voltou para o fogão, mexeu os ovos e virou o bacon. — Você se importa se eu perguntar o que o poema diz? — Dei um gole no café, tentando me esconder atrás da grande caneca.

Ele lambeu os lábios, se apoiou no balcão e cruzou os pés descalços na altura do tornozelo. Caramba. Wes era bonito, mas esse cara não ficava atrás. Os dois eram o oposto um do outro. Onde Wes era claro, Alec era escuro, e vice-versa. Pareciam exatamente o contrário um do outro em todos os aspectos. O cabelo escuro, a barba e o bigode de Alec eram o contraponto do rosto barbeado de Wes, ainda que, às vezes, ele deixasse a barba por fazer.

— É um poema sobre as pessoas que veem as pinturas de Witold. A tradução é mais ou menos assim: “O mistério das pessoas cotidianas/ pintado com amor no silêncio furtivo/ e no barulho obsessivo da rua./ Você segue o progresso delas/ mas só tem a visão de suas costas/ e, como elas, dará a visão das suas costas/ a outros visitantes, que tomarão o seu lugar/ diante das pinturas...” Esse poema me faz lembrar que muitos vão olhar para a minha arte, para as imagens que eu captar ou pintar, e, às vezes, parte da experiência vai acontecer quando alguém captar outra pessoa observando minha arte. Isso muda o que elas veem. Assim, a arte agora é vista com a pessoa em pé diante dela, que se torna parte disso.

Pensei por um momento.

— Isso é profundo.

Alec balançou a cabeça e sorriu, então colocou os ovos e o bacon em pratos e depositou um na minha frente.

— Coma tudo, *ma jolie*. Temos um dia cheio no estúdio.

— Por falar nisso, onde estão as minhas roupas? — perguntei, com a boca cheia.

Ele se debruçou sobre o lado oposto da ilha da cozinha e mordeu uma fatia de

bacon. Suas sobrancelhas se franziram.

— Que roupas?

— As roupas. — Sacudi a mão no ar. — As que você vai querer que eu use enquanto estiver aqui. Elas devem ser fornecidas... — Deixei o resto no ar. Eu me sentia desconfortável em mencionar nosso contrato.

Alec abriu um sorriso de gato que engoliu o canário e apoiou as mãos no balcão, inclinando-se para mais perto de mim.

— *Ma jolie*, não existem roupas porque não estou planejando que você use nada enquanto estiver aqui. Você é a minha musa, e eu quero ver o seu corpo, as suas curvas e ângulos da melhor forma possível.

Pisquei, abri e fechei a boca e pisquei mais uma vez. Ele não podia estar falando sério.

— Você quer que eu ande por aí nua? O tempo todo?

— *Oui* — ele respondeu, como se a questão não carregasse todo o peso do mundo, da forma que era para mim.

— *Oui*? É só isso que você tem para me dizer? — Soltei o garfo, que fez um barulho alto contra o prato. — Você acha que eu vou andar por aqui — sacudi novamente os braços — sem uma única peça de roupa?

As sobrancelhas de Alec se franziram mais uma vez.

— Você está desconfortável com o seu corpo, *ma jolie*?

— Porra... Não estou acreditando! — Balancei a cabeça e cruzei os braços sobre o peito. — Não, não estou desconfortável com o meu corpo. Bem, nem tanto assim. Eu poderia perder alguns quilinhos, mas não conheço uma única pessoa que se sinta confortável andando por aí o dia todo como veio ao mundo.

— Hum, então temos um pequeno problema, mas estou certo de que vamos resolvê-lo. Termine seu café da manhã. Precisamos ir para o estúdio. Tenho que tirar algumas fotos suas antes da mudança de luz, para começar a pintura. — Ele deu a última garfada enquanto caminhava até a pia. Levantou o prato e o colocou na lava-louça. — Vou me arrumar. Vamos discutir isso mais tarde, *oui*?

— *Oui* — falei, em tom propositalmente sarcástico. Ele balançou a cabeça e correu até as escadas. Num piscar de olhos, pegou as roupas que pretendia usar e foi para o banheiro. Segundos depois, ouvi o chuveiro sendo ligado e os canos antigos do loft começarem a trabalhar.

Ele me queria nua o tempo todo. Assim como eu imaginara, o cara era bizarro. Revirei os olhos e apertei os dentes. Ele não havia respondido de verdade. Só disse que tínhamos um problema, mudou de assunto de forma eficiente e caiu fora. O segundo dia não estava parecendo muito melhor que o primeiro. Bem, eu consegui ver seu belo corpo seminu. Aquilo foi agradável e fez o segundo dia se tornar melhor que o primeiro, depois do tombo e do episódio embaraçoso. No entanto, o

beijo da noite anterior poderia influenciar na queda de braço com o irritante eu-
quero-você-nua-o-tempo-todo e tudo o mais. Eu não pretendia andar nua por aí. Isso
não estava no meu contrato nem em qualquer coisa com que eu houvesse
concordado. Eu li o documento no avião e em lugar algum estava escrito: “Mia se
compromete a andar nua pela casa durante um mês”. Lunático!



Depois do café da manhã, Alec me levou de volta para o seu local de trabalho, no
andar de baixo.

— Você é dono dos dois andares? — perguntei, enquanto o seguia pelo espaço.
Havia apenas algumas pessoas zanzando por lá, e já eram oito da manhã. Talvez eles
não trabalhassem no horário regular, das oito às cinco.

— Sou. Aqui é o meu local de trabalho. O outro andar, como você sabe, é a
minha casa. Eu gosto de trabalhar perto do lugar onde moro. Às vezes fico aqui até
tarde da noite, ou então sigo madrugada adentro. Quando termino, não quero ter que
dirigir pela cidade toda. Gosto de estar a um elevador de distância.

Assenti com a cabeça.

— Faz sentido. Onde estão todos? — Afundei na cadeira que ele empurrou em
minha direção. Diante de nós, a cerca de três metros, havia uma área iluminada e
duas telas em branco penduradas na parede. Uma delas tinha aproximadamente um
metro e oitenta de largura por um e vinte de altura. A outra, mais ou menos um e
oitenta de altura por um e vinte de largura. Eram basicamente do mesmo tamanho,
mas estavam em orientações diferentes: uma na vertical e a outra na horizontal.

— Dia de criação. Não preciso de muita ajuda hoje. Só você, minha câmera e
tinta. Exatamente o que eu tenho na minha frente.

— Legal. — Olhei em volta. — O que você quer que eu faça?

— Vamos começar tirando algumas fotos de teste. Vou precisar que você fique na
frente da tela horizontal. — Ele me ajudou a ficar de pé, em seguida me carregou no
colo e me levou para outra cadeira, que havia sido colocada virada para a parede.
No chão, embaixo do meu tornozelo torcido, estava um travesseiro. Ele me colocou
perto da cadeira, de modo que eu usasse a parte de trás para apoiar o peso desse
lado do meu corpo. — O travesseiro é para o caso de você precisar pôr o pé no
chão. Não quero que o coloque sobre o concreto, correndo o risco de machucá-lo.
Isso deve ajudar, *oui*?

Abri um grande sorriso.

— Sim, obrigada, Alec. Pode fazer o que precisa. Estou bem, perfeitamente à
vontade — assegurei.

Ele se moveu pelo espaço, arrumou um tripé e ajustou as luzes.

— Certo. Tire a camiseta e fique de sutiã. Por enquanto, só preciso ver os ângulos

e as formas dos seus ombros, braços, pescoço e as laterais da parte de cima do seu corpo.

Respirando fundo, mordi o lábio, puxei a camiseta e a joguei de lado.

— Tudo bem, francês. Mas isso vai te custar caro — avisei.

— Estou bem ciente da despesa — ele respondeu por trás da câmera. No momento em que tirei a camiseta, os flashes começaram a disparar.

Fiquei imóvel com meu sutiã de renda preta. Ele me cobria completamente, sem mostrar mais pele do que um biquíni faria, mas, ainda assim, eu estava nervosa. Ao longo dos anos, atuei algumas vezes e esperava continuar fazendo isso, mas nunca trabalhei como modelo. Nunca achei que tivesse corpo para isso.

— *Impressionnant* — Alec murmurou em francês. Aquilo soou como um elogio e eu continuei tranquila, deixando-o fazer o que precisasse. — Você está indo bem.

Deixei escapar uma lufada de ar.

— Como assim? Não estou fazendo nada além de ficar aqui parada.

— Com a sua beleza, isso é o suficiente. Além do mais, isto aqui é só um teste de posicionamento, iluminação, essas coisas. — Depois de mais alguns cliques, ele se aproximou. — Está cansada de ficar em pé?

— Um pouco. — E estava mesmo. Me equilibrar em um pé só era mais difícil do que parecia, mesmo com o apoio da cadeira.

Fizemos uma pausa e ele me trouxe um copo de água e um cobertor. Usei-o para proteger minha nudez. Em seguida, ele me colocou de costas para a câmera, mas antes me fez balançar a cabeça várias vezes para bagunçar o cabelo. Repeti o processo até que ele ficasse satisfeito. Achei que estivesse bem desarrumado e confuso, mas ele parecia querer uma juba selvagem.

— Suas cores são perfeitas, *ma jolie*. — Ele foi até uma mesa e pegou um pincel e uma latinha de tinta vermelho-cereja. — Vai parecer estranho, mas vou aplicar esta tinta nos seus lábios. Não é tóxica.

— Claro, faça o que tem que fazer. Essa conta é sua. — Ele balançou a cabeça e riu. Eu também sorri, mas em seguida fiz um bico enquanto ele pintava delicadamente meus lábios. A tinta brilhava intensamente; parecia ser de plástico ou algo assim. Quando terminou, Alec mexeu no meu cabelo mais algumas vezes e voltou para a câmera.

— Agora, Mia, pense em algo triste. Algo que machuque o seu coração... muito. Talvez você possa se lembrar de alguma coisa de que sente falta, *oui*?

Eu não queria estragar a pintura dos lábios, então olhei para longe e pensei em Wes. O que ele estaria fazendo agora? Com quem estaria? Será que sentia minha falta? E se ele estivesse seminu na frente de outra pessoa? Esses pensamentos eram torturantes, então tentei mudar o foco. Só Deus sabe por quê, pensei em meu pai. Fazia mais de um mês que eu não o via. Ele ainda estava em coma, e sua filha não

estava sentada ao seu lado. Esse pensamento me atingiu o coração.

— Mia! — Alec disse bruscamente, me fazendo virar a cabeça tão rápido que eu pisquei. Uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha. A câmera clicou. — Consegui — ele disse suavemente. Afastei as lágrimas que estavam na iminência de cair.

— Terminamos? — Minha voz falhou quando ele me entregou um pano molhado.

— Esta parte do projeto, sim, terminamos. Pode tirar a tinta e descansar. Vou pegar a sua camiseta.

— Obrigada — sussurrei, me sentindo confusa e muito emotiva.

Assim que me vesti, nos sentamos lado a lado e olhamos, através de uma das janelas, para as ruas de Seattle. A chuva batia no asfalto e as pessoas corriam para evitar ficarem encharcadas.

— O que é essa imagem em que nós estamos trabalhando?

— Você quer saber o nome da obra?

Anuí com a cabeça, mas permaneci em silêncio, observando a rua molhada.

— *Nada de amor para mim.*

Claro. Deveria ser a trilha sonora da minha vida.

— Estou pronta para voltar ao trabalho.

Alec me levou para a tela mais uma vez. Nenhuma palavra foi dita quando tirei a camiseta, baguncei o cabelo e me posicionei.

Finalmente, resolvi quebrar o silêncio.

— O que vem depois? — perguntei, com foco renovado.

— Encontrar o seu amor, é claro.



O terceiro dia com Alec me trouxe de volta ao loft. Na noite anterior, chegamos tarde depois de um longo dia de sessão de fotos, que pareceram um milhão de poses sutilmente diferentes. Nem almoçamos. Aparentemente, quando a inspiração bate, é preciso aproveitar. Na verdade, quando uma mulher tira a parte de cima da roupa e você é um homem hétero, não é tão difícil imaginar que a inspiração vai sair de controle. Todos os homens são tarados, de um jeito ou de outro. Este aqui só estava disfarçado de artista francês gostosão.

Tenho de admitir, porém, que aquilo estava funcionando totalmente comigo. Eu estava morrendo de vontade de colocar as mãos nele. Em qualquer lugar daquele corpo, especialmente no cabelo. Nas ondas castanho-avermelhadas e douradas que caíam perfeitamente sobre os ombros. Aquele físico alto e musculoso, com a cintura estreita, me deixou salivando pelo segundo dia consecutivo. Infelizmente, Alec era um workaholic. Depois que voltamos para o seu loft, jantamos pizza e então ele retornou ao estúdio a fim de trabalhar nas fotos daquele dia. Quando fui para a cama — sozinha, mais uma vez... —, ele ainda não tinha chegado. O fato de ele não ter tentado nada depois daquele beijo me irritou. Eu estava disposta a dar o próximo passo. Precisava arrancar o band-aid, por assim dizer. Parar de pensar em Wes e no chaveiro de prancha com a chave da porta da frente e do seu coração.

Hoje, Alec não estava me esperando na cozinha. Depois que desci de bunda as escadas, eu esperava encontrá-lo ali, preparando o café, como na manhã anterior. Mas não. Só encontrei um bilhete sobre a mesa, ao lado do bule de café, com uma caligrafia inclinada e masculina:

Ma jolie,

*Me encontre no andar de baixo quando
estiver pronta. Temos muito trabalho
pela frente.*

A.

Comi uma banana, tomei café e, com minhas muletas, desci de elevador até o estúdio, que estava muito mais movimentado que no dia anterior. Mais uma vez, havia muitos homens de preto correndo para lá e para cá, tirando fotos — provavelmente aquelas de teste. Fiquei feliz pelo fato de o próprio Alec ter feito os testes comigo. Pelo menos eu tive com quem conversar. Os homens de preto não suportavam o falatório das modelos. Toda hora eu os ouvia dizendo “paradas” ou “silêncio”. Mesmo sendo tudo tão estranho, era interessante ver de perto o trabalho de um artista mundialmente famoso enquanto ele aperfeiçoava sua arte e orientava os assistentes, aqueles que faziam o trabalho pesado.

— Até que enfim você chegou. — Um dos homens se aproximou, em um acesso de raiva. Ele agarrou meu braço e tentou me puxar, muito mais rápido do que as muletas me permitiam andar.

Enquanto eu lutava para me manter em pé, a parte de baixo da muleta se enroscou em um fio estendido no chão de concreto. A muleta virou em um ângulo estranho e me fez inclinar para a frente. Por pouco não coloquei todo o meu peso sobre o tornozelo machucado. Meu corpo se balançou precariamente, mas consegui me equilibrar. Chega! Completamente irritada, puxei o braço.

— Cuidado aí, cara. Você vai levar uma muleta na bunda se não parar de puxar o meu braço. Não sou um cachorro na coleira. — Apontei a muleta na direção do seu rosto e a sacudi. — Fique longe de mim.

— *Que se passe-t-il?* — perguntou uma voz agitada atrás de nós. Alec se levantou, colocou as mãos nos quadris, o olhar retorcido e bravo combinando com suas feições. Parecia um leão pronto para atacar sua presa. — O que significa isso? — acabou falando em inglês.

— Sr. Dubois, a modelo não estava sendo rápida o bastante, e o senhor está esperando por ela há uma hora — o assistente respondeu.

Uma hora? Que se dane! Se ele queria que eu me levantasse cedo, deveria ter programado um despertador ou, quem sabe, encontrado maneiras mais interessantes de me acordar. A culpa não era minha.

— *Imbécile* — ele murmurou, alto o suficiente para nós dois ouvirmos, mas não para a crescente plateia que se formava ao nosso redor. — Você tem problemas de visão?

O homem franziu o nariz.

— Como assim?

— É surdo também?

Desta vez ele entendeu a afronta.

— Olha, sr. Dubois, o senhor disse que as modelos deveriam seguir as regras, o que inclui chegar no horário. Ela está atrasada, muito atrasada. Uma hora de atraso. Eu só estava tentando levá-la...

— Já chega. Você — Alec apontou para o magricela — é um idiota. Não está vendo que ela está machucada e não pode correr de muletas?

— Eu só estava tentando...

— *Assez!* Cale a boca, antes que cave um buraco tão fundo de onde nunca mais vai sair — Alec esbravejou. Ele olhou ao redor do salão e estendeu o braço, abrangendo o espaço. — Agora, para todos que estão ouvindo, e eu sei que vocês estão... — Algumas pessoas tentaram olhar em outra direção, como se isso escondesse o fato de que todos estavam prestando muita atenção. — Esta mulher é a Mia. — Apontou para mim. — Ela é a musa de *Amor a óleo*. Para sua informação, ela é tão preciosa e inestimável quanto qualquer uma das minhas telas, e deve ser tratada como tal. Agora, voltem ao trabalho. — Bateu palmas duas vezes antes de vir para o meu lado. — Você está bem, *ma jolie*?

— Tudo bem. Ele só me irritou. Me puxou com muita força e eu quase caí. Não fez por querer.

— Um erro que ele não vai cometer de novo — Alec resmungou. Inclinou-se para a frente e mais uma vez me carregou no colo, como uma princesa. — Dormiu bem?

Era a minha chance.

— Teria sido melhor com um corpo quente e agradável deitado comigo — falei com ousadia. Ele ficou imóvel, seu olhar no meu, os olhos castanho-dourados assumindo um tom mais escuro, as pupilas dilatadas.

— É mesmo?

— Eu nunca minto. — O que não era exatamente verdade. Eu mentia sempre que era conveniente ou quando estava em apuros. Mas, ainda que isso me conviesse, não era um desses momentos.

Alec sorriu.

— Acho difícil acreditar nisso, *ma jolie*. — Ele me levou para o lugar onde havíamos trabalhado no dia anterior e me colocou na mesma cadeira.

Antes que me soltasse, sussurrei em seu ouvido:

— Acredite, francês. — Então beijei sua bochecha suavemente. Nada além de um lembrete do beijo quente de alguns dias antes.

— Parece que vamos ter que reorganizar os nossos aposentos o mais rápido possível. Não quero que você se sinta abandonada.

— Isso seria uma tragédia. — Abri um grande sorriso.

Sua resposta foi uma piscadela antes de se virar e pegar a latinha de tinta e o pequeno pincel.

— Boca pintada de novo?

Ele veio em minha direção e ergueu o queixo, em um pedido silencioso para que eu olhasse para trás. Eu me virei de lado na cadeira, consciente do meu pé dolorido. Foi quando vi. Não era... eu. Eram duas de mim. Uma delas era uma imagem minha

pintada em preto e branco. A segunda era uma combinação de foto na metade da tela, e a outra parte em branco. Os lábios vermelhos brilhantes eram o único ponto de cor na foto. A imagem pintada era muito realista, mais ainda que a foto da outra tela. Eu me levantei e fui pulando até a pintura. As pinceladas eram minúsculas e compunham quase uma cópia perfeita da imagem fotográfica. Era possível ver até mesmo a lágrima que escorria pelo meu rosto. A tristeza em meus olhos, a postura e os ombros caídos mostravam uma mulher torturada. Triste, mas ainda assim... bela. Um momento capturado no tempo.

— É... Eu não acredito... Como pode? — sussurrei e levantei a mão para tocar a pintura. Antes que eu conseguisse, Alec pegou meu pulso e o puxou para trás suavemente.

— Não toque. Ainda está molhado. Eu trabalhei nesta tela durante a noite.

Meus olhos se arregalaram e eu ofeguei.

— Desculpa. Eu não tinha percebido. Que idiotice. Quer dizer, eu deveria saber. Sinto muito. — Fiz uma careta.

Alec estendeu a mão e acariciou uma mecha do meu cabelo, enrolando-a em um dedo, antes de me tocar na testa, na bochecha e na lateral do queixo. Arrepios eclodiram em meu braço e eu estremeci.

— Frio? — ele perguntou, com um meio sorriso. Ele sabia o que estava fazendo comigo. Sabia que seu toque inflamava alguma coisa dentro de mim.

— Não. — Umedeci os lábios e olhei descaradamente para os dele, desejando que se inclinasse e os colasse em mim. Em qualquer lugar. Em toda parte.

— Bem, então vamos começar. — Ele passou os dedos pelos meus cabelos, empurrando-os por cima dos ombros. Em seguida, repetiu o movimento do outro lado. Não era o que eu estava esperando, mas era bom, então aceitei. — Fique sentada. Vou pintar os seus lábios.

Eu gemi, mas voltei para a cadeira, me sentei e revirei os olhos antes que ele se ajoelhasse na minha frente.

— Você não pensa em outra coisa além de trabalho?

— Está se referindo ao fato de eu querer te beijar até roubar a sua respiração? Ou à constatação de que, se eu pudesse, rasgaria sua camiseta e chuparia seus mamilos rosados até você implorar para eu fazer amor com você?

— Fazer amor? — Eu ri, apesar de suas palavras me deixarem quente e incomodada; elas eram quentes... e me deixaram incomodada... de verdade!

— Claro, *chérie*. Os franceses fazem amor. E existem muitas formas de fazer. Com força. Rápido. Devagar. Deliberado. Pretendo utilizar todas elas com você, por muitas, muitas horas. Mas não agora. Agora é hora de trabalhar. Mais tarde nós vamos brincar.

Assenti, incapaz de falar. Eu queria saber o que significava *brincar* para ele,

embora tivesse uma ideia. Lentamente, Alec pintou meus lábios com a tinta vermelho-cereja brilhante. Quando terminou, me levantou da cadeira e me carregou até a pintura em preto e branco.

— Aqui a coisa se complica. Quero que você coloque a boca sobre a da tela, exatamente onde ela está pintada. Vou orientá-la da melhor forma possível. Você vai pressionar os lábios na pintura, com cuidado, até transferir a tinta.

Lancei um olhar duro para ele, mas, como no dia anterior, eu não queria falar e estragar a tinta. Agora, mais do que nunca. Ele segurou minha cabeça e eu coloquei as mãos na parede ao redor da tela. Primeiro, fiquei muito perto.

— Cuidado para não encostar na pintura em qualquer outro lugar, senão eu vou ter que refazer tudo — avisou, me assustando um pouco. Respirei lenta e profundamente, perto demais da tela. Quando cheguei aonde achei que fosse o local certo, ele arrumou minha posição, segurando as laterais da minha cabeça antes de me empurrar levemente para a frente.

Franzi os lábios, beijei a tela e me afastei. Ele me apoiou para que eu não perdesse o equilíbrio e me levou de volta para a cadeira. A imagem pintada em preto e branco agora tinha lábios vermelhos perfeitos. Quase parecia que ele os tinha pintado, mas dava para perceber que era um beijo. Não estava perfeito, mas ficou bom.

— Exatamente como eu imaginei. Você me surpreende, Mia — Alec disse, com admiração, enquanto olhava para sua obra-prima. Seus braços estavam cruzados sobre o peito, um apoiado no outro, e uma das mãos segurava o queixo. Ele ficou ali, analisando a pintura.

— Já ouviu aquele ditado: “Uma imagem vale mais que mil palavras”? — Eu ri. Sua cabeça se virou em câmera lenta e eu capturei seu olhar.

— Isto aqui tem valor inestimável, e vai durar a vida inteira na casa de alguém. Será passado de geração em geração, um legado que vai durar anos.

Quando ele colocava as coisas dessa maneira, acho que era realmente fantástico.



Durante o restante do dia ele tirou fotos de mim. Dessa vez fiquei completamente nua na parte de cima, de frente para a parte em branco da tela que continha minha fotografia.

— Não entendo por que eu tenho que ficar nua para isso — comentei, minhas mãos cobrindo o peito.

Meus seios estavam arrepiados, e eu não achava isso legal para uma boa foto. Meu cabelo estava solto e selvagem de novo, só que dessa vez Alec arranjava uma pessoa para bagunçá-lo profissionalmente. Isso me fez rir tanto que ele simplesmente se virou de costas e foi verificar outros detalhes do trabalho. Eu sabia que o estava

irritando. Ele provavelmente não estava acostumado a ver suas musas falando ou criando problemas. Isso me fez pensar em quantas musas ele teve no passado. O pensamento de que eu era apenas mais uma me incomodou.

— Você já tinha contratado uma musa antes? — Eu não queria realmente saber a resposta, mas não pude deixar de perguntar.

A câmera clicou e ele falou em francês com um de seus assistentes. O homem ajustou as luzes grandes em alguns centímetros. Outro clique.

— Não, *ma jolie*. Você é a única — ele finalmente respondeu. E foi o suficiente. Eu gostava de ser a sua única musa contratada. Não tenho certeza de que isso me fazia melhor que as outras modelos, mas, para minha própria estabilidade emocional, fingi que sim.

— O que nós estamos fazendo, afinal? — perguntei, de frente para a parte em branco da tela, sobre a imagem inacabada.

— Vou fazer você amar a sua imagem. E isso vai se traduzir para o espectador com o significado de “amar a si mesmo”.

Tenho certeza de que estreitei os olhos de maneira pouco atraente ao ouvir isso.

— Como é que é?

Ele soltou um suspiro cansado.

— *Ma jolie*, preciso terminar estas fotos para que eu possa pintar e jantar com você, fazer amor com você e depois reproduzir a sua imagem na tela. Temos muito a fazer — ele repetiu, como um disco riscado.

Isso não caiu bem. Não gostei da forma como ele listou as coisas a fazer, como se jantar e “fazer amor” comigo fossem as obrigações da noite.

— Não se sinta obrigado — respondi, com raiva.

— Mia, o seu humor está afetando a sua imagem. Por favor, pare de pensar em ficar frustrada comigo e mantenha o foco no trabalho.

Eu me virei, mais que aborrecida, as mãos nos quadris, esquecendo que meus seios estavam expostos para qualquer um ver.

— Não posso fazer isso. — Minha voz se elevou várias oitavas, chamando a atenção dos homens de preto ao redor da sala. Coloquei as mãos de volta sobre os seios, tentando manter um mínimo de dignidade. — Eu nem sei o que você quer que eu faça! — reclamei, cerrando os dentes.

Alec se aproximou de mim e me posicionou virada para a parede. Afastou o cabelo do meu ombro e pescoço, onde esfregou o nariz.

— *Ma jolie*, me desculpe. Eu não queria te irritar. Estamos ficando tensos. Vamos nos concentrar agora e deixar a conversa para mais tarde. *Oui?* — ele falou naquele tom tranquilo que, depois de dois dias, parecia funcionar como um feitiço, me acalmando e me centrando ao mesmo tempo. Depois beijou meu ombro com suavidade. Parecia uma promessa. E, mais tarde, eu iria garantir que ele a

cumprisse. — Agora, coloque a mão aqui. — Ele levantou meu braço direito e o encostou na parede. — A outra eu quero que fique na parte de baixo da tela, em cima do coração da imagem. — Delicadamente, coloquei a mão sobre a tela. Ainda que fosse uma imagem em serigrafia, eu não queria estragá-la. Alec voltou para a câmera. — Muito bem, Mia, olhe para a sua imagem. Procure se lembrar de um momento em que você se sentiu amada. Bela. Em paz consigo mesma.

Instantaneamente, fui catapultada para uma lembrança de quando era pequena. Foi antes de minha mãe nos abandonar. Nessa época nós éramos uma família feliz. Eu tinha acabado de conseguir o papel principal na peça do colégio. Minha mãe até ficou feliz por mim, e normalmente ela só se concentrava em seus próprios desejos e vitórias. Mas não naquele dia. Naquele dia ela me deu um abraço, um beijo, disse que estava orgulhosa de mim e que sempre me amaria. Então, meu pai me pegou no colo e me segurou bem perto do rosto. Sussurrou que sempre soube que eu tinha alguma coisa especial. Algo que nenhuma outra menina tinha. Naquele momento, segura nos braços de meu pai e no amor de minha mãe, eu acreditei nele. Foi o melhor dia da minha vida.

A câmera clicou furiosamente. E a lembrança continuou. No dia seguinte, minha mãe foi embora e nunca mais voltou. Não cheguei a atuar naquela peça. Por muito tempo eu imaginei que a culpa por ela ter partido era minha. Pelo fato de eu ter conseguido toda a atenção do meu pai quando fiz algo bem feito. E, mesmo com dez anos de idade, eu sabia que ela desejava muito receber a mesma atenção. Agora, adulta, eu pensava diferente. Bem, na maior parte do tempo.

Olhei para a imagem do rosto molhado da Mia de vinte e quatro anos e senti pena dela. Por uma fração de segundo, me permiti sentir pena pela minha criação, pelas escolhas que minha família fez e pela maneira como escolhi viver depois daquilo. Pela maneira como eu estava vivendo agora. O que eu via não era mais uma imagem bonita. Era a imagem de uma menina triste, que havia perdido algo precioso. Algo lindo.

Sem perguntar se tínhamos terminado ou se ele havia conseguido o que precisava, vesti o sutiã e a camiseta, peguei as muletas e me afastei. Meu coração estava apertado. Eu estava a ponto de desmoronar.

— Mia! — Alec chamou, mas eu não parei. Me limitei a acenar. Já era tarde e o dia tinha sido longo. Ele não poderia me culpar por precisar de descanso.

Subi até o loft e fui direto para a cozinha. Encontrei uma garrafa de vinho aberta e uma taça, despejei uma dose grande do líquido vermelho e tomei um gole antes de permitir que as lágrimas caíssem.

Foi quando Alec chegou. Ele pegou uma taça para si e se serviu. Então, recostou-se contra o balcão e olhou para mim enquanto eu tentava me recompor e simplesmente fingir que não estava chorando feito um bebê.

— Por que você não se ama? — Suas palavras me atingiram como uma marreta, deixando um buraco gigante na minha alma.



— Eu me amo. — As palavras queimaram meus lábios como ácido.

Alec fixou os olhos nos meus. Eu estava apoiada na ilha da cozinha e tinha acabado de encher outra taça.

— É mesmo? Eu posso ter me enganado — ele respondeu, irreverente, antes de tomar um grande gole de vinho.

— Você acha que me conhece? Depois de apenas alguns dias? — Rangi os dentes e franzi as sobrancelhas.

Os lábios de Alec formaram um bico. Ele virou a cabeça e olhou para mim. Aquele olhar dizia tudo. Frustração, teimosia e algo mais.

— Acho que a conheço melhor do que você mesma ou, pelo menos, mais do que você admitiria para si mesma. — Ele se aproximou e segurou meu rosto. Afastei suas mãos e pulei em um pé só, protegendo meu tornozelo.

— Ah, é? Só porque é um “artista”, você acha que tem algum tipo de habilidade especial para ler as pessoas? Se for esse o caso, a sua magia não está com nada, francês, porque a última pessoa que eu quero por perto agora é você! — Bati minha taça no balcão e o vinho espirrou para todos os lados. — Merda! — Manquei até as toalhas de papel e puxei freneticamente o rolo, pegando uma quantidade absurda para o tantinho de vinho derramado.

— Deixe que eu faço isso. — Alec tentou pegar o papel toalha. Mais uma vez, eu o empurrei para longe.

— Pode deixar. Eu limpei a minha bagunça e a de todos os outros a minha vida toda. Posso lidar com um pouco de vinho derramado. — Funguei, segurando as malditas emoções que estavam a ponto de transbordar. Eu não me permitiria desabar agora, de jeito nenhum. Ele me via como fraca e inútil.

Alec se afastou e ergueu as duas mãos, as palmas viradas para mim.

— Tudo bem, tudo bem. *Je suis désolé*. Desculpe — ele repetiu em inglês.

Eu sabia que estava sendo uma cretina. Não era culpa dele. Alec não fizera nada que justificasse tratá-lo mal. Assim que limpei a sujeira, ele me entregou uma garrafa que havia acabado de abrir. Servi mais em minha taça.

— Fale comigo, *ma jolie*. Estou aqui. Quero ouvir você — ele disse com suavidade. Observei seus olhos atentamente e pude ver que ele estava sendo sincero. Não havia pena em sua voz ou em seu olhar. Só preocupação.

— Alec, me desculpe. É só que, durante a sessão de hoje, quando você me pediu para pensar em um momento feliz, eu me lembrei de uma situação incrível. Mas essa lembrança foi esmagada por outra, muito dolorosa. Um momento da minha vida que eu ainda não consegui superar. É só isso. Não é com você. — Inclinei-me para a frente e envolvi meus braços ao redor de seu corpo, descansando a cabeça em seu peito quente. Eu me aninhei ali, sentindo seu aroma fresco e amadeirado. Ele me abraçou apertado. Uma mão deslizava para cima e para baixo em minha coluna, me confortando como só um homem do tamanho dele poderia fazer.

— Tenho a sensação de que você passou boa parte da vida cuidando dos outros, *oui*?

Em vez de responder, só assenti com a cabeça em seu peito, sem querer olhar em seus olhos. Ele respirou fundo e me apertou.

— Então agora, *ma jolie*, é hora de cuidar de si mesma, *oui*?

Mais uma vez eu assenti, na segurança do meu esconderijo.

— Vou ajudar você. Esse projeto, *Amor a óleo*, vai ser uma válvula de escape. Nós dois, perante os olhos do espectador, vamos encontrar a paz para você. E eu vou lhe mostrar, através da arte, quão perfeita você é. — Ele segurou meus ombros e me afastou. Enxuguei as lágrimas com uma mão. Nem percebi que estava chorando, até que olhei em seus belos olhos. Eles estavam muito serenos, com calorosas manchas marrons, num alegre turbilhão. Eu não conseguia desviar o olhar, e também não queria. — Esse vai ser o meu melhor trabalho, e com ele você vai encontrar a peça que está faltando para seguir em frente. — Alec abriu um grande sorriso e se inclinou em minha direção. Finalmente, me beijou. E do jeito que eu queria ser beijada desde que o vira pessoalmente pela primeira vez.

Profundo.

Molhado.

Demorado.

Seus lábios se moldaram aos meus. Ele pressionou meu corpo até que eu estivesse presa entre ele e o balcão, seus braços um em cada lado do meu corpo. Levantei as mãos e, começando em sua barriga, o senti. O abdome primorosamente esculpido, cada gomo uma estrada por onde eu queria viajar com minha língua. Seu peitoral era formado por placas duras de músculos sob o tecido fino da camiseta. Ao chegar ao pescoço, deixei meus dedos sentirem a seda de seus cabelos. Ele os soltou em algum momento, e eu não poderia estar mais feliz por isso. Alec inclinou minha cabeça para ter acesso mais profundo, e suas mãos entraram em campo. Eu estava definitivamente apreciando sua versão de “brincar”.

Alec acariciou meu corpo como se estivesse pintando uma tela. Traços suaves aqui, mais fortes ali. Todos feitos para seduzir. Eu queria suas mãos sobre mim — sem roupa. Meu pé estava começando a latejar conforme eu tentava apoiá-lo no

chão para ficar na ponta dos pés. Eu queria chegar mais para cima, para poder pressionar mais partes do meu corpo contra o dele. Frustrada, recuei subitamente, seus lábios deixando os meus com um barulho audível.

— Qual o problema? — ele perguntou, respirando pesadamente. Senti sua respiração em meu rosto. Seus olhos demonstravam preocupação, mas toquei sua bochecha e acariciei com o polegar seus lábios úmidos.

— Meu pé... está doendo. Eu preciso... deitar. Na cama? — falei, tão sem fôlego quanto ele por causa do beijo.

Ele deu um sorriso largo, colocou as mãos em minha bunda e me levantou. Instantaneamente, envolvi minhas pernas em sua cintura.

— O prazer é meu, *ma jolie*. — E começou a subir lentamente a escada, me tratando como uma carga preciosa e deixando beijos suaves ao longo do meu pescoço. Ao chegarmos à cama, ele me segurou forte, colocou um joelho no colchão e se inclinou, sem me deixar cair. Pensar em sua força e seu poder pairando sobre mim despertou uma espiral ascendente de desejo em meu corpo.

Assim que fui pousada sobre a cama, coloquei as mãos sob sua camiseta para chegar à pele. Atrapalhada, puxei a peça, e ele se inclinou, tirando-a pela cabeça e a jogando para trás. Então, abriu os botões da calça jeans. Eu não conseguia ver nada além da pele nua, tufo macios de pelos avermelhados e um pouco de seu pau duro. O francês não estava usando cueca. Fascinante.

— Pronto para entrar em ação? — Sorri.

Suas sobrancelhas se franziram.

— *Quoi?* — Ele balançou a cabeça. — O quê?

Coloquei as mãos em sua cintura e as deslizei para a parte de trás de sua calça, onde agarrei sua bunda nua. Ele gemeu e flexionou o quadril.

— Você não está usando cueca.

A língua de Alec surgiu para umedecer o lábio inferior. Olhei para aquela boca como se ela tivesse todas as respostas do universo.

— *Oui*. Eu não uso *le caleçon*. São desconfortáveis e desnecessários. Me impedem de chegar mais rápido aonde eu quero. Por exemplo, em você.

Imediatamente seu corpo montou o meu, seus lábios se arrastando pelo meu pescoço. Era bom. Mais que bom. Ele agarrou meus seios sobre a camiseta antes de se inclinar para trás e tirá-la. O fecho frontal do meu sutiã foi aberto e a peça foi embora em um piscar de olhos. Com os dedos, Alec traçou padrões pelo meu peito nu. Fechei os olhos e permiti que ele me tocasse dessa maneira. Como nunca havia sido tocada antes. Quase com reverência, como se eu fosse especial, e o meu corpo, precioso.

— *Vous êtes de l'art* — ele sussurrou em francês, traçando as laterais dos meus seios e costelas. — *Vous êtes l'amour*. — Seus dedos deslizaram sobre o topo de

cada seio. — *Vous êtes la beauté.* — Seus polegares circundaram meus mamilos.

Engoli em seco e arqueei o corpo ao seu toque, leve como uma pluma. Suas palavras, além daqueles dedos mágicos, estavam me incendiando.

— O que você disse? — perguntei, em um sussurro ofegante.

Ele se inclinou e me beijou sobre o coração.

— Eu disse que você é arte. — Em seguida, voltou-se para meus seios e beijou a ponta carnuda de cada um. Prendi a respiração. — Você é amor. — Sua língua despontou e girou ao redor de um mamilo, depois do outro, me arrancando um suspiro. — Você é beleza. — Sua boca rodeou o mamilo e o chupou com força, demoradamente, puxando até que a aréola estivesse formigando e apertada como um nó.

Minhas mãos não paravam. Passei as unhas para cima e para baixo em suas costas longas, enrolando os dedos em seus cabelos. Os fios compridos acariciaram meu corpo quando ele seguiu do meu peito até a barriga. Com facilidade, Alec tirou minha calça e a calcinha ao mesmo tempo. Então se posicionou entre minhas pernas e levantou uma delas. Ele me beijou do peito do pé ao tornozelo e percorreu todo o caminho até a parte de trás do joelho, onde lambeu e mordiscou. Eu não fazia ideia de que essa área era tão sensível, mas, caramba... meu sexo estava implorando por atenção, e ele nem tinha me tocado *lá* ainda. Alec repetiu o movimento do outro lado, tomando cuidado para não tirar a tala do lugar. Quando chegou à parte de trás do joelho, eu estremeci visivelmente.

— Frio? — ele perguntou com um sorriso. Ele sabia que não era, mas gostava de brincar comigo. Tive de admitir que a expectativa do que ele faria a seguir se tornou parte da experiência, e eu estava adorando.

Balancei a cabeça em negativa enquanto Alec abaixava minha perna. Ele segurou meus joelhos e os afastou.

— Quero provar sua beleza com a língua. — Sua sobrelance se arqueou, quase como se estivesse pedindo permissão. Ele esperou um longo momento, seu olhar preso ao meu. Ele *estava* pedindo permissão. Lambi os lábios e inclinei o queixo. Seus olhos escureceram, carregados de intenção. Como um jaguar, os ombros de Alec mudaram de posição. No momento em que olhei para baixo para observar seu belo corpo entre minhas pernas, ele atacou, muito rápido. Sua boca estava em mim, sua língua profundamente dentro.

— Ah, minha nossa! — rugi, agarrando sua cabeça. Seus movimentos não eram lentos como eu esperava. A maioria dos homens começa devagar, hesitante. Alec, não. Ele me devorou como se nunca mais fosse ter outra chance. Lá dentro, sua língua tocou deliciosamente cada milímetro que pôde alcançar. Pequenos choques vibravam de dentro de mim para a superfície. Sua barba por fazer arranhava ao longo dos lábios e nas laterais do meu centro. Os sons eram animais: Alec

grunhia, gemia e sussurrava com prazer enquanto meu corpo se retorcia contra seu rosto.

Seus dedos foram trazidos para a brincadeira. O polegar girou em meu clitóris enquanto sua língua procurava meu calor. Bati as mãos na cama e agarrei os lençóis quando o orgasmo começou a se formar na base da minha coluna, se espalhando pelo meu corpo como uma trepadeira subindo a cerca, me envolvendo de maneira poderosa. A superfície da minha pele vibrava com a necessidade de alívio.

— Tão divina. Você é doce, *ma jolie*. — Ele chupou os dedos antes de enfiá-los dentro de mim, movimentando-os para cima e para baixo. — Como o melhor dos champanhes. — Lambeu *aquele ponto* e eu gemi, o orgasmo pronto para explodir. — Talvez eu nunca fique satisfeito. Vou devorar a sua doçura até provar o seu creme, *chérie*. — Suas palavras eram positivamente obscenas, mas foram o empurrão de que eu precisava para me jogar do precipício. — Ah, sim. — Ele movimentou os dedos em meu interior e atacou meu clitóris com a língua enquanto todo o meu corpo se contorcia prazerosamente em um nirvana extremo.

No auge da minha explosão, Alec tirou os dedos de dentro de mim e lambeu ao redor do pequeno orifício em meu traseiro, o que me fez sacudir e tremer. Então ele sugou minha fenda, literalmente bebendo de mim. Quando meu orgasmo chegou ao fim, ele abriu ainda mais minhas pernas. Imaginei que deitaria sobre mim e colocaria o pau para dentro. Pelo menos era o que eu esperava ansiosamente, tanto que estava a ponto de implorar. Mas ele tinha outros planos.

Movendo lentamente a língua até o meu centro, ele colocou o dedo na pequena entrada mais para baixo e o girou, pressionando-o gradativamente para dentro. Engoli em seco e afastei os quadris, sem saber ao certo se queria ser invadida naquele lugar sombrio, mas também sem conseguir evitar os tremores de excitação que me tomaram quando ele me tocou naquele ponto. Alec era um homem observador. Notou minha resposta e, quando olhei para ele, sorriu e mordeu o lábio inferior. Eu queria fazer aquilo. Frustrada em todos os sentidos, deixei a cabeça cair.

— Me coma, Alec — implorei, agarrando os lençóis mais uma vez.

— *Non, pas encore* — ele murmurou contra minha pele.

Eu não entendia o que ele estava dizendo, mas sabia que *encore* significava “de novo”, e era totalmente a favor.

Dessa vez, quando sua língua me tocou, o movimento foi lento e deliberado. Era como se ele estivesse acalmando e memorizando a carne. Depois de um tempo, comecei a ficar impaciente. Meus quadris se moviam de um lado para o outro enquanto ele me acariciava com a língua e os dedos. Sem que eu esperasse, ele enfiou dois deles dentro de mim. Eu gemi. Finalmente! Mas, antes que eu pudesse desfrutar a alegria de ter os dedos grossos exatamente onde queria, Alec os retirou. Não por muito tempo. Sua língua substituiu a mão, lambendo lá dentro e se movendo

até o ponto mais quente. No momento em que o tocou, eu já estava a caminho de outro orgasmo inacreditável.

— Caramba, isso! — Levantei os quadris e agarrei seus cabelos, forçando seu rosto em minha direção. Ele não me desapontou. Entendeu a mensagem para ir mais rápido, com mais força, me dominando mais. Eu amei cada segundo. Estava tão longe na busca pelo segundo êxtase que nem percebi que havia um dedo umedecido circulando meu lugar secreto — aquele que nenhum homem jamais havia tocado — até que fosse tarde demais. Ele o enfiou em minha segunda entrada, pressionando e, ao mesmo tempo, sugando meu clitóris com força. Meus quadris tentaram subir, mas Alec os manteve no lugar, me comendo por trás com o dedo enquanto eu tremia. Aquilo era diferente. Era ardente e tão gostoso que comecei a fazer força em sua direção, querendo mais forte e mais rápido.

— *Très belle* — ele sussurrou e lambeu meu clitóris. Alec era delicado com meu sexo, mas devastador com minha bunda, invadindo-a e me empurrando na cama. Eu sentia a força de sua mão investindo contra meu corpo e me deleitava com aquilo, permitindo que ele me conduzisse por aquele caminho obscuro. Um lugar onde ninguém jamais estivera e que eu nem sabia que desejava conhecer, até que ele me levasse. Meu francês.

Alec se ergueu, sentando-se nos próprios tornozelos, mas manteve a mão trabalhando em mim. Com a outra, começou a acariciar o local onde eu mais precisava dele. Ofeguei e fechei os olhos, sabendo que ele estava me observando.

— *Ouvrez les yeux* — ele disse, depois continuou em inglês: — Abra os olhos. — Fiz o que ele mandou. Os dele estavam negros. Nenhum sinal do castanho-dourado de sempre. — Eu gosto de ver você. Lembrar do seu rosto quando sua beleza interior está ainda mais brilhante.

Seu dedo continuava me penetrando por trás. Ofeguei e impulsionei os quadris. Ele me fodeu com força só com o dedo, e, quando apertou meu clitóris entre o polegar e o indicador com a outra mão, eu levantei voo. Literalmente abandonei o avião em que estava e meu corpo se abriu, livre como um pássaro, enquanto Alec me dava asas.

Em algum lugar de meu subconsciente, ouvi o barulho de algo se rasgando e senti o cheiro de látex invadir minhas narinas. As mãos de Alec seguraram meus ombros e, em seguida, lá estava ele, enfiando todo o seu comprimento dentro de mim. O jeans raspava minhas coxas enquanto ele me penetrava profundamente. Era como se o prazer nunca fosse acabar. Eu ainda nem tinha me recuperado completamente quando ele enfiou o pau grosso em mim. Ele gemeu em meu cabelo, e passei as pernas ao redor de seu corpo, segurando-o bem apertado, adorando o calor de sua pele enquanto ele entrava e saía.

— *Chaud, soyeux et parfait* — ele disse, depois de me beijar longamente. Abri a

boca para deixá-lo entrar de todas as formas, me unindo a ele como havia desejado desde o momento em que vira sua foto. Ele era extenso, estava duro e fundo dentro de mim. Eu não queria que parasse nunca mais, porém queria mais ainda que *ele* gozasse. Que sentisse o que já havia me proporcionado duas vezes. Assim, com todas as minhas forças, desloquei meu peso e rolei por cima dele. E então o cavalguei com energia.

Suas mãos imediatamente vieram para meus quadris e me ajudaram a subir e descer repetidas vezes em seu membro grosso. Ele estava magnífico. Os músculos de seus braços se retesavam e tensionavam a cada estocada. Um brilho de suor surgiu ao longo das elevações e depressões de seu abdome. Inclinei-me para lamber e chupar seu mamilo.

— *Putain oui* — ele grunhiu, com os dentes cerrados, a mandíbula fazendo força. Mordisquei seu mamilo até que ele ficou escuro e duro, depois fiz a mesma coisa com o outro. Os dedos de Alec apertaram meus quadris, sinalizando sua necessidade de ser tomado com mais força. Eu me endireitei, joguei os cabelos para trás e o cavalguei... forte. Cada pressão sobre sua pélvis enviava faíscas de excitação entre minhas pernas e eu o apertava com os músculos internos, dando a ele tanto prazer quanto havia recebido.

Ele falou rápido em francês, e não consegui entender nada daquilo. Então se sentou e se arrastou, até encostar na cabeceira da cama. Inclinou meu corpo para trás e me deslizou para cima e para baixo em seu membro. O francês observava seu pau entrar mais e mais em mim. Mesmo querendo que o prazer fosse dele, eu não podia evitar o que estava despertando em mim novamente. Meu corpo se contorcia feito uma cobra, e ele sabia disso. Inclinou-se para a frente e chupou meu mamilo com força, transformando-o em uma framboesa vermelha, até que não pôde mais aguentar.

Finalmente, sua cabeça bateu contra a cabeceira da cama e eu a agarrei, usando-a como apoio. E nesse momento nos levei para a beira do precipício, nos lançando em um turbilhão de coisas deliciosas e sem sentido. Os únicos sons do ambiente eram de nossa respiração enquanto gritávamos de prazer. Minha carne apertava seu eixo de um jeito que jamais imaginei possível. Ele me segurou ainda mais firme, pressionando os quadris embaixo de mim, até que os últimos tremores de prazer desaparecessem.

Ficamos assim, eu sentada em seu colo, ele ainda dentro de mim, e minhas mãos segurando a cabeceira da cama. Alec acariciava minhas costas, braços e coxas, como se precisasse me tocar para acreditar que eu realmente estava ali. Eu podia entender. Quando você se solta dessa maneira e o prazer é tão extremo, precisa de algo repetitivo para trazê-lo de volta.

Pouco a pouco, nossos batimentos se acalmaram. Coloquei os braços ao redor de

seu pescoço e o manteve perto. Ele não me soltou, preferindo me tocar e beijar em qualquer ponto que conseguisse alcançar. Foi bom — bom demais, para ser sincera.

Por um momento, me lembrei de Wes. O doce, lindo e transparente Wes. O cara. O único homem por quem eu achei que pudesse me apaixonar. Respirei fundo e segurei as lágrimas. Eu não estava traindo Wes. Eu. Não. Estava. Traindo. Wes. No entanto, mesmo que eu ficasse repetindo isso, a culpa pairava sobre mim como uma guilhotina pronta para cortar minha garganta.

— Qual o problema? — Alec perguntou, afastando-me para ver meus olhos.

Balancei a cabeça. Eu não planejava compartilhar esses pensamentos com ele ou com qualquer outra pessoa.

— Só estou relaxando. — Beijei seu nariz e o acariciei. — Precisamos tomar um banho, cuidar do... — Olhei para baixo, e o olhar de Alec seguiu o meu.

— Ah, o preservativo. Sim, deixe comigo. — Ele me tirou de seu colo e se levantou. Puxou a camisinha, amarrando a ponta antes de enrolá-la num papel e jogá-la no cesto de lixo. Imaginei que a última coisa que ele gostaria de fazer seria descer as escadas para ir até o banheiro. Mas era exatamente disso que eu precisava. Deitei de costas e gemi. — O que foi?

— Preciso fazer xixi — murmurei e ele riu. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele me levantou da cama e me carregou pelas escadas até o banheiro. Ao chegar em frente ao vaso sanitário, me colocou no chão e saiu.

— Vou fazer um lanche para nós, *oui*?

— *Oui* — respondi e ele deu uma risadinha. Fiz o que precisava rapidamente e peguei o roupão atrás da porta. Tinha um tom bordô profundo e exuberante, e era incrivelmente fofo sobre a minha pele. Eu não queria sair do banheiro completamente nua.

Pulei até a cozinha, onde Alec estava com uma bandeja em uma mão e duas taças de vinho na outra. Ainda estava nu, e eu gostei muito da visão. A tatuagem se espalhava ao longo de seu corpo e me fez lembrar como eu queria traçá-la... com a língua.

— *Un moment* — ele disse enquanto corria pelas escadas até o quarto. Antes que eu percebesse, estava de volta, com o pau balançando livremente. Eu sorri quando ele veio até mim. — O quê? — Alec perguntou, um belo sorriso enfeitando seu rosto. Quando estava feliz, ele parecia menos o artista intenso e mais o francês amigável. Embora eu gostasse muito dos dois.

Ao me alcançar, ele me puxou para seus braços e me carregou pelas escadas.

— Vejo que encontrou meu roupão — disse, simulando uma voz severa. Então me colocou no chão e eu me apoiei sobre o pé bom. Suas mãos foram até a faixa do roupão. — Isso é inaceitável. Eu já disse, *ma jolie*. Gosto de ver o seu corpo nu.

Deixei que ele tirasse a peça e engatinhei sobre a cama, me acomodando. Ele

colocou a bandeja na nossa frente e me entregou uma taça de vinho. O sabor rico da bebida se espalhou em minha garganta e caiu muito bem em meu estômago. A bandeja continha salame, pequenos pedaços de cheddar, uvas verdes e morangos.

Minha barriga roncou alto enquanto eu analisava as opções, escolhendo um pedaço de queijo. Combinava bem com o vinho.

— Obrigada. — Puxei o lençol até o peito.

— Por quê?

Peguei um morango e o segurei perto da boca.

— Por isso tudo, por esta noite, por me pintar, por compartilhar seu trabalho comigo. Eu me sinto honrada por estar aqui com você.

Sua mão se aproximou e tocou minha bochecha.

— Você é a minha musa, Mia. Foi feita para estar aqui.



Assim que terminamos de comer, demos mais alguns amassos, nos beijando, acariciando e nos conhecendo melhor. Depois de um beijo profundo, deitei em seu peito e o abracei.

— Você já percebeu que quase não fala inglês quando está transando?

O corpo de Alec se retesou antes de responder.

— Eu não transo, *chérie*. Já disse: eu faço amor com você, com o seu corpo. — Seu tom ficou muito sério, e eu não consegui entender por quê. — E eu falo francês porque você me faz viajar. Eu me perco em você, no seu corpo sexy.

Olhei para ele de um jeito atrevido, dando-lhe meu melhor sorriso. Então, pensei por um momento sobre esse lance de transar ou fazer amor.

— Mas fazer amor não complica as coisas? As pessoas não se apaixonam quando você faz isso?

Ele me abraçou apertado, deslizou a mão até meu bíceps e o pressionou.

— Tomara que sim.

— Espere um pouco. Você *quer* que eu me apaixone por você? — Levantei a cabeça e olhei duramente em seus olhos. Tão bonitos.

— Claro. Você não? — Seu rosto se contorceu em uma expressão de perplexidade.

Sacudi a cabeça com força, fazendo meu cabelo esvoaçar.

— Não. Não mesmo. Eu quero *me divertir* com você. Depois vou estar com outro cliente, com quem eu posso ou não ter relações sexuais.

— Assim como eu. — Ele parecia confuso, o que dizia muito, pois eu tinha certeza de que estava ficando louca.

Afastei o cabelo do rosto.

— Tudo bem, vamos ver se eu entendi. Você quer que eu me apaixone por você, mas sabe que eu vou embora e que vou ficar com outra pessoa. Estou certa? — Ele assentiu e sorriu inocentemente. — E você vai se apaixonar por mim, mas, quando eu for embora, vai fazer esse mesmo sexo incrível com outra mulher.

— Sexo incrível? — Ele abriu um sorriso largo. Cachorro. Os homens pensam com o pau, juro por Deus. Essa era a prova. Dei um tapa em seu peito.

— Presta atenção.

— Não posso prestar atenção com você falando de amor e sexo, duas coisas que,

na minha opinião, funcionam muito bem juntas. A gente devia juntá-las de novo agora mesmo. — Ele puxou meu corpo sobre o seu. Já estava duro. Por um momento, recuei. Duro de novo? Caramba, o homem era puro fogo. Ele agarrou minha bunda e pressionou os quadris nos meus. — Acabou a conversa, *ma jolie*? Quero fazer amor com você mais uma vez.

— Não! — Sentei sobre seus quadris, com uma perna de cada lado, e cruzei as mãos sobre o peito. Nada daquilo fazia sentido. — Eu não entendo você.

Seus olhos se estreitaram.

— O que há para entender? Eu faço amor com você. Me apaixono por você um pouco mais a cada dia.

Revirei os olhos.

— Certo, vamos continuar com isso. Todo dia você se apaixona um pouco mais por mim, e mesmo assim não tem problema eu ir embora?

— Se você quisesse ficar, estaria tudo bem para mim — ele respondeu, sem expressão.

Arrrrgggghh!

— Estaria tudo bem para você? Eu não te entendo. — Minha mão balançou no ar, como se eu fosse uma louca golpeando moscas.

Ele me puxou de encontro ao peito, rolando comigo até ficar por cima. Com uma perna, empurrou a minha, a que não estava machucada, e pressionou meus quadris. Sua ereção se esfregava de maneira tentadora ao longo da minha carne, já ficando úmida. Respirei fundo, tentando não deixar aquilo me atingir. Não funcionou.

Ele me beijou suavemente.

— Vou fazer você entender, *oui*?

— Por favor!

— Os franceses fazem amor. Eu faço amor. Tenho que ter algum sentimento para realmente fazer amor com você, *oui*?

— *Oui* — repeti. Fazia sentido. A parte em que nós nos apaixonávamos e mais tarde, querendo ou não, nos afastávamos é que não encaixava. De fato, isso foi o que tornou tão difícil deixar Wes. Por mais que eu não quisesse admitir, tinha sentimentos pelo cara. E agora este francês queria que eu tivesse sentimentos por ele, sentimentos de amor, que eu não queria ter.

Ele começou a falar novamente:

— Assim, eu preciso te amar um pouco para querer estar com você dessa maneira. Mas ainda posso te amar e deixar você livre. Você vai levar o meu amor quando for embora. Para sempre. E esse pedaço do meu amor vai ser seu enquanto você viver.

Eu tinha de admitir que aquilo era muito bonito. A forma como ele pensava sobre fazer sexo e fazer amor, a maneira como isso o ligava às mulheres e a relação que

mantinha com cada uma delas.

— Então nós vamos nos amar para sempre, só não vamos nos comprometer como marido e mulher. Nem mesmo como namorados — confirmei.

— *Oui*. Exatamente, *ma jolie*. Você entendeu. O meu compromisso com você é te amar inteiramente durante o tempo em que estivermos juntos. Isso vai ficar com você. E eu vou levar o seu amor comigo. Então, nós dois sempre saberemos que este tempo foi construído com base em confiança, amor e amizade. — Ele fez uma pausa e me beijou com suavidade. — Nada mais é necessário nesta vida.

Meus olhos se embaçaram e uma lágrima escorreu em meu rosto com a verdade do que ele tinha dito. Alec a enxugou.

— Posso te amar agora? — As palavras eram simples, mas me atingiram profundamente.

— Sim, Alec. Eu adoraria que você me amasse — falei, tentando engolir o nó que se formou em minha garganta. E foi o que ele fez. Me amou a noite toda ou, pelo menos, até eu desmaiar. Era exatamente o que eu precisava para lidar com o que tinha acontecido mais cedo, no estúdio, e com a culpa que estava se formando por causa de Wes.

Alec e eu selamos o acordo de nos amar como amigos e nos tratar com respeito. Desfrutaríamos do corpo e da mente um do outro pelo tempo em que eu estivesse lá. Quando tivesse de acabar, acabaria. Nós continuaríamos nos preocupando um com o outro e teríamos um amor exclusivamente nosso. Poderíamos manter esse amor dentro de uma caixa em nossas lembranças e revisitá-lo se fosse preciso. Havia algo dolorosamente perfeito nisso. Naquele momento, jurei a mim mesma que não tentaria me impedir de me importar com cada cliente. Eu me permitiria gostar de cada um do meu jeito. Só não seria o “eu te amo para sempre”. “Para sempre” era algo sagrado, que aconteceria no momento certo, com a pessoa certa.

Pensei em Wes e em como sentia sua falta. A situação com Alec me deu uma nova perspectiva sobre o nosso relacionamento. Me mostrou que eu passei um mês inteiro tentando não amá-lo. Sempre protegendo a mim e a meu coração de sentir essas coisas. Só que não deu certo, porque eu o amo. Do meu jeito. E acho que ele me ama também. Ele foi o único capaz de me fazer questionar se aquele amor não seria do tipo “para sempre”. Esse pensamento me fez ter certeza do motivo de eu ter partido. Eu podia dizer com segurança que nós fomos profundamente honestos e nos importamos um com o outro, e, se esse amor estivesse destinado a ser do tipo “para sempre”, teríamos tempo para cultivá-lo. *Se tiver que ser, será*. Até então, eu aproveitaria a companhia do meu francês e todas as experiências que viveria com ele e com os próximos clientes.



No dia seguinte, o estúdio estava silencioso mais uma vez. Comecei a perceber um padrão ali: Alec tirava fotos em um dia, e no outro, quando pintava, liberava a equipe para poder trabalhar sozinho. Enquanto eu entrava no estúdio, ouvi uma música maravilhosa. A voz suave e feminina e as notas intensas do piano ecoavam pelo ambiente, como exercícios vocais tecendo-se através das cordas do piano. A mulher estava quase sussurrando, mas ainda cantava. Era de uma beleza perturbadora. Então, cordas entraram no conjunto. Fechei os olhos, deixando os sons invadirem meu coração e minha alma. Lembrando desse momento pelo que era. Gracioso, vulnerável, tudo de que eu precisava.

Clique. Eu me assustei quando abri os olhos e vi Alec parado à minha frente, com a câmera na mão.

— Não consegui me segurar. Você estava preciosa, imersa na luz da beleza. Eu tive que capturar esse momento.

Inclinei a cabeça e sorri.

— Conseguiu o que queria? — perguntei, com um toque de sarcasmo.

— Você conseguiu? — Sua sobrancelha se arqueou. O meu francês, sempre tentando me ensinar alguma coisa.

Respirei fundo e examinei o chão, optando por baixar a guarda.

— Venha. Temos muito trabalho pela frente. — Alec se virou em um giro e caminhou até o nosso espaço no estúdio.

Mancando, tomei o meu lugar. Ofeguei enquanto olhava mais uma vez para minha imagem. Desta vez ela estava na tela mais larga. Metade tinha uma foto minha impressa, e a outra metade era pintada. Ele devia ter vindo para cá no meio da noite, quando eu desmaiei depois do segundo round de “fazer amor”.

— Como...? — Fiquei sem palavras enquanto olhava para mim mesma na tela. Era eu, encarando a imagem que ele havia fotografado no dia anterior. Minha testa estava perto da fotografia, e ele pintou minha mão tocando o coração da imagem fotografada. A maneira tão singular como ele misturava as mídias era diferente de tudo que eu já tinha visto. Era esse o motivo pelo qual Alec tinha tanto prestígio como artista e as pessoas pagavam quantias obscenas por sua arte. E eu era parte disso. Uma parte importante. Eu era a sua musa.

— Eu não preciso de muitas horas de sono. Já que o seu corpo me inspirou, eu tive que pintar você.

— Quer dizer que você ficou tão arrebatado com a experiência da nossa transa que veio até aqui e pintou isto?

— *Oui.* O seu corpo nu. Fazer amor com você me deu a energia de que eu precisava para criar esta bela imagem, que o mundo vai ver. E agora é você quem está vendo, *oui*?

Olhei para a pintura em preto e branco. Apenas uma sugestão dos meus seios nus

era mostrada. Dava para ver a felicidade em minha forma enquanto minha imagem tocava o coração triste da foto do dia anterior. Era como se o meu lado feliz estivesse consolando o lado triste. Arrepios perpassaram minha coluna e meus braços.

Mais uma vez, Alec encheu um pires com tinta pegajosa e se aproximou de mim com um pincel na mão. Começou a pintar meus lábios enquanto eu admirava, calmamente, a tela à minha frente. Eu não conseguia parar de olhar para ela. Meu coração batia forte, e lágrimas caíam de meus olhos. A música no ambiente mudou. As notas agora eram altas e arrebatadoras em sua tristeza enquanto subiam e desciam. Trombones e trompetes entraram. Alec apertou minha mão, me puxou para seus braços e me carregou até a tela.

— Beije aqui. — Ele apontou para a mão sobre o coração na segunda imagem. Eu me inclinei e beijei a tela. Lábios vermelhos impressos perfeitamente brilharam na mão pintada.

Alec aplicou mais tinta em meus lábios. Apontou para o meu cotovelo e eu o beijei. Mais tinta. O ombro, o meio das costas na imagem. Mais tinta. Durante um bom tempo, ele aplicou a tinta e me fez beijar várias partes do meu corpo na pintura. Fizemos isso até que houvesse marcas de beijo sobre toda a tela que ele havia pintado. Ficou estranho. Não estragou a arte, mas acrescentou um elemento completamente diferente. As marcas eram brilhantes, contrastando com o preto e branco da tela e do desenho.

Quando acabamos, ele me ajudou a voltar para a cadeira. Limpou meus lábios com lenços umedecidos, removendo todos os resíduos de tinta. Então me entregou um pouco de água e um protetor labial. O homem pensava em tudo.

Ele atravessou a sala e me deixou com a música e a tela. Fiquei olhando fixamente para tudo aquilo. O que eu tinha feito no primeiro dia estava pendurado à esquerda, os lábios vermelhos e as lágrimas escorrendo pelo rosto, uma cena surpreendente em sua tristeza. A foto da direita era a mesma, mas ele havia adicionado minha imagem na frente dela, a mão sobre o coração, e havia marcas de beijo a cada cinco centímetros.

A iluminação acima da tela era intensa. Parecia começar no meio das imagens e irromper para fora, acentuando a profundidade de claros e escuros, em conjunto com a textura da tinta vermelha, tornando-a destacada, como se fosse uma projeção em 3D.

— Já descobriu o significado? — Alec perguntou ao olhar para a tela. Eu o encarei por um longo momento. Percebi como ele apreciava aquilo que criou. Ele mesmo deveria ter sido o tema da obra. Era tão grande, forte e masculino. O cabelo, preso em um coque, parecia brilhar como ouro sob a luz. A barba e o bigode produziam um ligeiro farfalhar quando ele esfregava os dedos ali. — Descobriu, *ma*

jolie?

Balancei a cabeça e me concentrei na tela.

— Dá para ver que é bonito, me emociona.

Seu olhar saltou para o meu.

— Emociona você?

— Sim — sussurrei, me concentrando na primeira imagem. — Nesta aqui eu pareço triste, mas é mais do que isso. Há uma devastação silenciosa nesta obra. A tristeza profunda nos olhos que você pintou me faz pensar que eu nunca vou ser feliz. Que ela nunca vai ser feliz. — Tentei tirar o foco de mim, mas era difícil. Eu tinha a sensação de que era a última coisa que ele pretendia.

Ele assentiu.

— É verdade. Quando eu a retratei, isso me machucou. Foi assim que eu soube que era a foto certa. A arte deve fazer você sentir alguma coisa. Coisas boas, ruins, felicidade, tristeza, amor, ódio, frio, calor. Tudo o que nós vemos tem relação com um sentimento dentro de nós. Este, em particular, mexeu com você da maneira que deveria.

— Por quê? Por que você quis que alguém sentisse dor e tristeza tão profundas que talvez nunca mais se recuperasse?

Seu olhar sustentou o meu.

— Porque é isso o que eu quero que o espectador veja. A tela se chama *Nada de amor para mim*.

Essas palavras atingiram meu coração como uma flecha. Lágrimas escorreram pelo meu rosto.

— E a outra? — perguntei, como se tivesse medo de ouvir a resposta.

— O que ela faz você sentir?

Deslizei o olhar pela minha fotografia triste e rapidamente desviei o olhar.

— Vergonha. — Sua mandíbula pareceu se apertar e travar. Ele assentiu de leve com a cabeça. Concentrei-me novamente na imagem em que minha mão pousava sobre o coração da Mia triste. — Esperança. — Mais uma vez, ele olhou e aguardou. Observei os lábios vermelhos em todos os lugares da Mia que estendia a mão para a imagem triste. — Amor. — Dei de ombros.

Alec se virou, veio até mim e se ajoelhou. Movendo-se para a frente, segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou suavemente. Pude sentir o gosto do café que ele havia tomado e de algo mais sombrio, algo único, como ele.

— Você está vendo o que eu quero que veja. Vergonha, esperança, amor. — Seus olhos estavam arregalados, seus traços suaves enquanto assimilava meu rosto.

— Mas... por quê? Essas coisas são difíceis de entender. E não é só isso. Frequentemente, são coisas que dilaceram as pessoas.

— Assim como a arte pode fazer, às vezes. Está tudo nos olhos de quem vê. O

que você vê e o que eu vejo podem ser duas coisas diferentes.

— Você deu um título a esta peça?

Ele balançou o queixo para baixo, assentindo.

— Qual é?

— Exatamente como eu quero que o espectador se sinta.

Engoli devagar, esperando que terminasse. Ele não o fez.

— Que é...

Ele traçou meu rosto, da têmpora até os lábios. Observou seu dedo com reverência enquanto deslizava por minhas feições.

— *Ame a si mesmo.*



Durante a semana seguinte, Alec e eu entramos numa rotina: fotos, refeições, sexo. Pintura, refeições, sexo. Não deixamos o prédio uma única vez, e choveu na maior parte do tempo. Eu tinha saudade da ensolarada Malibu e de estar livre para nadar, caminhar ou surfar. Além da minha família, era de Wes que eu mais sentia falta. Não me leve a mal: Alec era incrível em vários sentidos. Mesmo sendo companheiros no dia a dia e provocando uma explosão no quarto, não havia nada em nossa relação além de trabalho e sexo. “Fazer amor”, como ele dizia; eu chamava de trepar, e gostava daquilo, embora não compartilhasse isso com ele. Poderia ter sido pior, eu acho. Ele poderia ter me arrastado por alguns museus chatos para conhecer a arte de outras pessoas.

Eu só precisava estar no estúdio à noite, e isso era novidade. Normalmente Alec me queria lá assim que eu acordava. O problema era que, quando estava sozinha, eu pensava em tudo que me fazia falta na vida real. Meu pai, que não havia acordado do coma, mas fora transferido para uma unidade pública de recuperação. Gin me disse que era um lugar bom, nada de especial. Contou também que Maddy e ela o visitavam a intervalos de alguns dias, liam para ele e lhe faziam companhia. Gin me enviou uma foto dele deitado na cama. Os hematomas já tinham sarado, mas a maior parte de seu corpo ainda estava engessada.

Olhei para o meu pai na tela do celular. Era como se ele estivesse dormindo, e não lutando pela vida. Os médicos não sabiam como ficaria sua mente se ele acordasse. *Quando* ele acordasse, eu me corriji. Não havia necessidade de lançar vibrações negativas para o universo. Mesmo não acreditando nesse tipo de merda, se fosse verdade, não seria eu a me meter com o poder superior.

Percorri a lista de contatos e cliquei no nome de Maddy. Fazia uma semana que não nos falávamos, e eu estava sentindo falta da minha irmãzinha.

— Oi, irmã — a voz melodiosa de Maddy soou no telefone. Instantaneamente, o aperto em meu peito diminuiu. Seu tom estava feliz.

— Oi, Mads. Como vão as coisas? — perguntei.

Através da linha, ouvi barulho de papéis e de um zíper se fechando.

— Ah, você me conhece. Estou me preparando para a aula.

— De quê?

— Patologia forense.

Passei a mão pelo cabelo e ajeitei o cobertor ao redor do corpo.

— Não é aquela matéria que estuda pessoas mortas?

Mais barulho de papéis. Ela suspirou.

— É. Tecnicamente, ela se concentra em determinar a causa da morte examinando o cadáver. Geralmente a autópsia é feita por um médico-legista durante a investigação de casos criminais, e também de casos cíveis, em algumas jurisdições...

— ela continuou, mas eu tinha parado de acompanhar quando Maddy mencionou *cadáver*.

— Você vai cortar uma pessoa morta? — Não consegui conter o choque. Quem estaria disposto a fazer isso? Quer dizer, eu sei que pessoas fazem e que tem a ver com solucionar assassinatos e tal, mas, fala sério... Minha irmãzinha ia cortar caras mortos? Esse pensamento fez os pelos dos meus braços se arrepiarem.

— Chama-se cadáver e faz parte do meu curso. Todo mundo tem que fazer algumas matérias complementares, e eu escolhi essa. Mas é interessante. Você não acreditaria nas coisas que mentes doentias são capazes de fazer.

Ela ficaria surpresa.

— Eu sei o que psicopatas fazem e não quero a minha irmãzinha perto dessa merda toda. Você é o meu tesouro, meu amor. Não quero que se contamine pela escória da Terra.

— Mamãe Mia, você não pode me proteger para sempre. Já tenho dezenove anos. E você só tem cinco anos a mais que eu.

— Isso não me impediu de tomar conta de você até agora — retruquei.

Ela deu um suspiro tão longo que eu quase senti o peso daquilo pressionando meu peito.

— Mia, eu ainda não sei que tipo de cientista vou ser...

— Do tipo que cura o câncer, ou que desenvolve pílulas para me manter magra para sempre! Do tipo que não lida com a morte! — Sentei, me arrepiando toda. Eu não a queria cercada pela feiura da vida. Já tivemos muito disso quando crianças. E batalhei pra caramba, desde que Maddy tinha cinco anos, para que ela visse apenas luz e brilho.

— Você sabe que eu te amo — ela disse suavemente, usando uma voz que sempre me amolecia. — Eu sei que você quer o melhor para mim, e eu... — Ela fez uma pausa que pesou ainda mais, esmagando meu coração. — Mia, eu preciso encontrar o meu próprio caminho, tá? Promete que vai me deixar descobrir por conta própria.

Descobrir por conta própria? Minha irmã caçula queria fazer alguma coisa sozinha, sem mim para guiá-la, protegê-la e salvá-la de encrencas. Eu me sentia como um robô que não entende a linguagem de um programa. Deixei de lado minha parte louca e tentei ser solidária.

— Eu quero te ver feliz, Mads. — Reprimi a emoção. — Só me promete que vai

considerar todas as opções.

Nesse instante ela voltou a ser a Maddy feliz.

— Ah, estou considerando! Também estou fazendo aulas de botânica, que é fascinante.

— O que é botânica? — Eu me sentia uma burra perguntando a minha irmã mais nova o significado de uma palavra. Já tinha ouvido antes, mas não sabia o que era exatamente.

— A ciência das plantas. — Ela riu.

Ela tinha acabado de dizer *ciência das plantas*? Pulamos do estudo de pessoas mortas para isso?

— Plantas?

— Ahã. É muito legal. Estamos estudando a relação de algumas plantas e flores com seus ambientes. Depois vamos passar para a horticultura, que analisa o cultivo de plantas e flores para alimentação e decoração.

Bem, parecia estranho, mas também seguro e bonito. Todo mundo adora plantas e flores, e não há assassinatos na equação.

— Gostei da ideia desse curso — comentei.

— Eu imaginei que você iria gostar. Mia, tem um cara que é meu colega nessa aula e... nossa, ele é tão gato! — Ela riu de novo, como a universitária que era. Isso tirou o peso do meu peito e o deixou em paz para a próxima semana.

Agora sim. Esse é o tipo de conversa de que eu consigo participar.

— Ah, é? Me conta tudo!

E ela contou. Disse que eles estavam se paquerando havia algumas semanas, mas parecia que o cara não tinha coragem de convidá-la para sair. Ele era um ano mais velho e tinha especialização em *ciência das plantas*. Eu realmente gostei disso. Significava que ele era nerd. Sugeri que Maddy o convidasse para sair, mas ela surtou. De jeito nenhum minha doce e inocente irmãzinha convidaria um cara para sair. Fiquei orgulhosa disso. Ainda mais porque, aos dezenove anos, ela ainda era virgem. Algumas vezes chegou perto de ter sua primeira vez, mas nós conversamos e ela decidiu que os caras não valiam a pena. Eu queria que ela tivesse uma experiência especial, e falei isso a ela. Não queria que repetisse a minha história: bêbada, na carroceria da caminhonete do meu namoradinho de colégio. Pouco depois, ele fugiu com uma líder de torcida com peitos maiores e QI mais baixo que o meu.

Fui honesta com Maddy e contei a ela sobre minha experiência. Na época, ela ficou horrorizada pelo fato de o cara ter me abandonado e prometeu que não cometeria os mesmos erros. Achei que valia a pena falar sobre aquele momento desastroso da minha vida. Se ela aprendesse algo comigo e se protegesse, meu trabalho teria sido feito. E eu levava esse trabalho muito a sério. Ela era a melhor

coisa da minha vida, e eu estava determinada a fazer de tudo para que ela fosse feliz. Por nós duas.

Depois que falei com Maddy, me senti muito melhor. Saber que ela estava indo bem na faculdade, que tinha encontrado um gato nerd e que as contas em casa estavam pagas me trouxe uma sensação de paz. Mais do que nunca, eu soube que aceitar o trabalho de acompanhante foi a melhor decisão que eu poderia tomar. Minha irmã tinha uma reserva no banco, comida na geladeira e eu estava em dia com meus pagamentos para Blaine. Terminei meu banho com ótimo humor e ouvi o som de uma mensagem no celular enquanto estava secando o cabelo. Enrolada na toalha, sentei na tampa do vaso, peguei o telefone e li a mensagem:

Como está Seattle?

Ver o nome de Wes na tela fez meu coração bater mais forte e me provocou um frio na barriga. Eu não sabia se isso funcionaria. Ele havia dito que nós seríamos bons amigos durante o ano, então imaginei que essa era sua tentativa de manter a promessa. Pensei por alguns minutos sobre como responder. A culpa por ter ficado com Alec arranhou a superfície do meu subconsciente, mas eu a afastei. Wes e eu tínhamos que agir como amigos. Sim, havia sentimentos profundos ali. Sim, eu adoraria estar com ele agora, mas minha vida não era assim, e não seria por mais dez meses e meio.

Molhada. Você sabia que chove quase todo dia aqui?

Pronto, isso deveria funcionar. Uma resposta platônica. Amigável. Li e reli a mensagem simples e a enviei. Enquanto secava o cabelo, ouvi o sinal de notificação novamente.

Todo mundo sabe. Em média, chove a mesma quantidade de dias que faz sol. Tudo bem, eu olhei a previsão do tempo. Vai fazer sol em poucos dias. Claro, você sempre pode vir para Malibu. O sol está forte e a piscina quente.

É claro que Wes tentaria me fazer voltar. Eu me perguntei se seria sempre assim entre nós. Fácil, divertido, mas com puro desejo pairando sob a superfície.

Desculpe, sr. Homem do Tempo. E obrigada pela atualização. Malibu em janeiro estava demais. Talvez eu programe uma viagem de volta em janeiro do ano que vem. 😊

Adicionei uma carinha sorridente piscando para ajudar a aliviar o peso da resposta. Foi o que nós conversamos, mas eu não podia realmente prometer nada. Tínhamos a maior parte do ano pela frente, e ninguém sabia onde aquilo terminaria.

Não respondi. Não podia. Wes era tudo o que eu sempre quis em um homem e muito mais, mas não era meu. Talvez um dia, mas não agora. Era bom trocar mensagens com ele. Me fez lembrar de que algo me esperava no fim do ano. Eu raramente tinha alguma expectativa de futuro. No presente, porém, eu tinha um artista sexy preenchendo meus dias com bons momentos e lembranças boas. Claro que, com Wes, eu jamais esqueceria.



Quando o relógio marcou seis horas, fui até o estúdio, seguindo as instruções de Alec. Eu não o tinha visto durante o dia todo, o que era inédito. Foi bom ter esse tempo sozinha. Na maior parte dos dias eu estava em cima dele, figurativa e literalmente. Esse último pensamento me fez sorrir. Assim que cheguei ao estúdio, vi o corpo de Alec se movimentando no canto oposto da sala onde costumávamos trabalhar. Ele estava atrás da câmera, dentro de uma meia-lua, tirando fotos de um homem posicionado a dez passos dele, diante de um fundo branco. Um homem bem-dotado e muito nu. Puta merda. Quer dizer, não é que eu nunca tivesse visto um homem nu antes, mas esse cara era jovem, provavelmente da minha idade, muito musculoso e estava com o pau para cima.

Tentando fazer o mínimo de barulho possível com minhas muletas, me coloquei em um canto. De vez em quando o homem fechava os olhos, colocava a mão ao redor de sua ereção e dava alguns puxões. Lambia os lábios e se inclinava. A câmera clicava como louca, e Alec dava orientações com delicadeza.

— *Oui*, assim mesmo. Incline-se mais. Finja que está se exibindo para a sua namorada. Isso. Solte as mãos e coloque atrás da cabeça — foi o último comando.

Eu me senti uma voyeur observando aquele homem se tocar enquanto Alec capturava as imagens. Parecia ousado e muito sensual. Duas coisas que deixaram o lugar incrivelmente quente e fizeram umidade se acumular entre minhas coxas.

— *Fini* — Alec declarou com a última foto. Pegou um roupão perto de um holofote e o entregou ao modelo. O rapaz o vestiu e olhou para as imagens que Alec mostrou. — Estas aqui não vão ser fotografias. Vou pintar essas imagens, *oui*? Você concorda?

O rapaz assentiu.

— Você faz um trabalho legal. No começo eu pensei que seria tipo pornografia, mas não é nada disso.

— Não, não é — Alec concordou suavemente e, em seguida, bateu no ombro do modelo. — Está pronto para a mulher? — perguntou, e eu olhei em volta. Meu sapato raspou no concreto e os olhares dos dois se concentraram em mim.

Levantei a mão e acenei.

— Oi — cumprimentei, desajeitada. Ainda bem que estava escuro ali no canto, ou eles veriam o rubor que eu podia sentir subindo pelo meu pescoço e pelas bochechas.

— Mia, venha aqui. Quero que você conheça o Aiden. Ele vai posar com você, *ma jolie*. — As palavras de Alec me atingiram como um banho de água fria.

— Hum... O quê?

Ele se aproximou e me levou até Aiden. Apertamos as mãos.

— Prazer em te conhecer, Mia. Estou ansioso para trabalhar com você. — Ele foi doce. Muito bem, doce, musculoso e absurdamente gostoso. O universo é mesmo um sádico. Agora eu entendia por que algumas pessoas o representavam como uma mulher vingativa. Qualquer deus capaz de criar Aiden, Alec e Wes — três encarnações perfeitas de formas masculinas, todos entrando em minha vida com semanas de diferença entre um e outro — só podia ser especialista em castigos cruéis.

Resmunguei uma saudação e me virei para Alec.

— Do que você está falando? Eu vou posar com ele?

— Amor proibido, *chérie*. Vou tirar fotos de vocês fazendo amor na tela.

As palavras *fazendo amor* me atingiram. Virei a cabeça rapidamente.

— Explique... rápido — avisei, através do maxilar cerrado.

— Ah, *non*. Você não vai *faire l'amour* — ele se apressou em dizer. — Fazer amor de verdade, *non*. Vai ser uma encenação para a câmera. — Segurou meu rosto com as duas mãos. — *Maintenant, tu comprends?* Entende agora?

— Não. Nem um pouco. Mais detalhes antes que eu caia fora daqui, francês — falei, usando um tom com o qual ele já estava familiarizado, depois de quase duas semanas juntos.

Alec apertou os lábios e colocou as mãos nos quadris. Aiden foi até uma cadeira longe de nós e se sentou. Apreciei o gesto de tentar nos dar alguma privacidade.

— *Mon amour*, eu preciso ter vocês dois sem roupa, abraçados como amantes. Então, quando for suficiente, vou pintar a cena. — Ele se aproximou. — Isso, é claro, depois que *eu* fizer amor com você. — Seu nariz deslizou contra o meu, enviando ondas de excitação que formigavam e instigavam meus sentidos. — Essa vai ser minha obra mais inspiradora. Você e este homem, que é muito másculo, no auge da paixão. — Ele se inclinou e me beijou rapidamente, lambendo meu lábio inferior antes de se afastar. O francês usou seu beijo para me convencer de algo sem a *necessidade* de me convencer realmente. Francês gostoso filho da mãe.

Bufei e afastei o cabelo dos olhos.

— Sem roupa quer dizer nua? Ou eu entendi mal?

— *Oui*. Você sabe que eu preciso ver o seu corpo para poder pintá-lo. Além

disso, nenhuma mulher tem o corpo mais bonito que o seu. — Seus olhos examinaram meu jeans e a regata justa. Eu não estava usando sutiã, sabendo que ficaria nua pelo menos na parte de cima. Do jeito que seus olhos me esquadriavam de cima a baixo, meus mamilos endureceram e ficaram claramente visíveis. Suas mãos acariciaram minhas costelas e seus dedos roçaram os picos eretos. — Vejo que você está gostando da ideia.

Pressionei meu corpo no seu, grata por estar de costas para Aiden.

— Eu gosto da ideia de estar com você, mas esse cara... não sei — respondi, honestamente. Já era bem difícil expor meu corpo para Alec, para sua arte, mas ficar nua e rolando por aí com um homem pelado, fingindo fazer amor com ele? Parecia muito forçado, ao contrário das outras fotos que tínhamos feito.

Ele me observou e esperou que eu considerasse seu pedido. Os olhos castanho-dourados eram suaves, sem pressão. E eu nem precisava transar com o cara, bastava fingir. Olhei para Aiden. Seus joelhos subiam e desciam nervosamente, então ele deu uma olhada rápida para nós e desviou o olhar.

— Tudo bem, vou tentar. Por você. — Eu queria que ele soubesse que isso não estava nos meus planos. Estava fora da minha zona de conforto, mais até do que ficar nua na frente dele. Eu só topei porque confiava em sua visão artística.

— Tudo bem, Mia. Vá até ali e tire a roupa. Aiden, você também. — Alec era todo negócios mais uma vez. Aiden se levantou e tirou o roupão. Seu lindo corpo ficou em plena exibição. Mesmo em posição de descanso, era impressionante. Ele devia fazer as mulheres muito felizes. Dei uma risadinha olhando para ele, mas sem realmente vê-lo.

Aiden fez uma careta.

— Algo errado? — Ele olhou para seu corpo nu e colocou uma mão hesitante sobre o membro.

Eu sabia que meus olhos tinham se arregalado quando ficou claro para mim do que ele achou que eu estava rindo.

— Ah... Não! Você tem um pinto ótimo... Quer dizer... hum... Eu não estava rindo do seu tamanho. Ugh. — Gemi e olhei para o teto. Porra, Mia. Agora você fez o Adônis questionar a própria masculinidade. — Por que eu não posso ser normal pelo menos uma vez? — Soltei a respiração, minhas bochechas inflando como as de um peixe. Aiden riu.

— Tudo bem. Eu entendi. — Seus lábios se curvaram. Ele caminhou até o lençol branco que cobria uma superfície acolchoada e se sentou no centro.

— Sinceramente, Aiden, eu estava pensando que você é um gato e que deve fazer a alegria das mulheres. — Abri minha calça jeans e a arranquei.

Ele sorriu.

— A minha namorada não tem se queixado. — Piscou e, de repente, ficou tudo

bem. Ele tinha namorada. Saber que ele estava ali apenas para posar e tinha uma namorada em casa me fez sentir muito melhor. Não deveria, já que eu estava prestes a rolar nua com o cara, mas fez.

— Completamente nua, *ma jolie* — Alec disse enquanto subia a escada. Puxei a regata por cima da cabeça e meus seios saltaram livres, os mamilos se tornando nós apertados mais uma vez, só que agora por causa do frio. — Tem um aquecedor ali, então você vai ficar quentinha.

Com uma respiração profunda, baixei a calcinha e pulei para o tapete. Meu tornozelo estava quase curado, mas ainda doía quando colocava muita pressão sobre ele. Eu queria ter certeza de que estava completamente bom antes de tentar colocar meu peso sobre ele. Assim que cheguei ao acolchoado, me arrastei timidamente sobre Aiden.

— Não se preocupe. Você também tem um corpo incrível. Posso tocar em você?

Lambi os lábios e olhei para as luzes brilhantes acima de nós. Eu mal podia ver o contorno de Alec. O medo se arrastou pela minha pele, fazendo meu corpo se arrepiar.

— Hum, acho que sim — eu disse, mas sem realmente querer dizer.

— Deite de costas, Mia. Aiden, coloque o braço sob o pescoço dela, de modo que a Mia descanse a cabeça sobre ele. Coloque a mão direita ao redor do corpo dela e a mantenha bem perto de você. — Aiden se aproximou e se inclinou para o lado. Olhei para baixo e vi que seu pau tinha endurecido. Engoli em seco e mordi o lábio, tentando me livrar dos sentimentos que me atingiram quando vi sua excitação. Eu sabia que era natural para um homem ficar duro ao ver uma mulher nua, mas, ainda assim, não gostava disso. Não mesmo.

Alec continuou dando ordens:

— Puxe a coxa dela em cima da sua, para esconder sua masculinidade. — Aiden seguiu a orientação, me segurando pelo joelho e puxando minha perna para cima. Foi quando seu pau se aninhou em minha pélvis, e eu me encolhi. — Mia — Alec repreendeu —, finja que está abraçando o homem que ama. Olhe nos olhos dele.

Cerrei os dentes e levantei o olhar. Os olhos de Aiden eram cor de chocolate. Gentis, mas cheios daquilo que eu não queria ver. Desejo. Mordi o lábio e coloquei as mãos frouxamente ao redor de sua cintura. Sua mão deslizou por minha coxa, seguindo até minha bunda. Congelei. A câmera clicou várias vezes. A respiração de Aiden soava incrivelmente alta no espaço entre nosso rosto.

— Mia, você não está fingindo — Alec avisou. — Levante o pescoço. Agora, Aiden, beije lentamente o pescoço dela enquanto eu fotografo. Afunde os dedos na carne dela. — Ele obedeceu, e eu segui no mesmo caminho. Quando Aiden pressionou seu membro com mais força em mim, pude sentir um pouco de umidade tocar minha pele. Engolindo em seco, comecei a contar mentalmente, rezando para

que Alec tirasse as fotos e terminasse logo com aquilo.

Alec começou a descer a escada.

— Não está funcionando. *Pas bon*. Não está bom. — Ele levou uma mão à têmpora e começou a andar. — Dois belos corpos entrelaçados deveria ser *magnifique, oui?* — Estava falando sozinho.

Eu me afastei e cruzei as mãos sobre o peito para esperar. Os olhos de Alec captaram os meus. Aiden tocou meu ombro, mas, quando o fez, eu vacilei. Alec percebeu o movimento. Ele viu tudo.

— Aiden, pode ir. — Alec caminhou até ele e lhe entregou o roupão.

— Mas e a sessão de fotos? Eu preciso do dinheiro desse trabalho — ele falou, mordendo o lábio inferior.

— Você vai receber. Você se saiu bem. Minha visão é muito específica. A primeira fotografia vai ser pintada.

Os olhos de Aiden se iluminaram.

— Sério?

Alec abriu um pequeno sorriso e bateu em seu ombro.

— Sério. Agora vá. Eu preciso trabalhar com a minha musa.

Aiden foi para o banheiro se trocar. Alec me entregou seu roupão pessoal, o que me fez abrir um grande sorriso. Puxei-o sobre mim e sentei de pernas cruzadas sobre o acolchoado. Ele se sentou ao meu lado.

— Você não gostou dessa sessão. — *Não diga, Sherlock*. Fiquei ali sentada, esperando calmamente que ele chegasse a suas conclusões. — Eu preciso dessas fotos. Mas tenho uma ideia.

— Certo. — Minha voz era baixa e tímida, preocupada que ele estivesse chateado com meu desempenho.

Ele deslizou a mão em meu rosto e olhou intensamente em meus olhos.

— Eu vou ser o seu muso.



— Você? Meu muso? Como isso vai funcionar?

Ouvi Aiden se movendo do outro lado do estúdio. Ele abriu o elevador e bateu a porta para fechá-lo. Foi quando Alec se levantou e tirou a camiseta térmica de manga comprida. Seu peito brilhou sob as luzes claras do estúdio. Então puxou o cinto largo de couro marrom. Assim que o soltou, abriu a calça e a deslizou para baixo. Mais uma vez, sem cueca. Passei a língua nos lábios e agarrei seus quadris, olhando para aquele corpo bonito.

— Você vai posar comigo. Vou usar isto. — Ele ergueu um controle remoto cilíndrico, com um botão vermelho na ponta. Me lembrou aqueles filmes de ação em que o bandido tem uma bomba presa ao peito com um fio e um botão. Alec o apertou e o flash da câmera disparou. — Viu? Vou fazer o ensaio com você. Mas comigo vai ser amor *de verdade* na tela.

Agora sim, aquele conceito tinha tudo para dar certo. Sorri maliciosamente e levei as mãos até as laterais de seu corpo, inclinei-me e beijei a cabeça de seu pau. Ele segurou meu rosto enquanto eu mostrava minha aprovação à sua ideia brilhante. Lambi toda a extensão de seu membro e me afastei.

— Você não precisava fazer isso — falei.

— Precisava, sim, *ma jolie*. Você não estava confortável. Uma careta no seu lindo rosto foi o suficiente. Desde o início eu sabia que o conceito seria difícil, mas ver a sua expressão quando ele a tocou, saber que você estava tentando fazer aquilo por mim... *non, ce n'était pas bon...* não estava bom. Eu devia ter imaginado. Você se comprometeu comigo durante esse tempo. Isso significa que não conseguiria parecer apaixonada por um estranho. O amor de verdade, como eu desejo na minha arte, deve ser *authentique*, real, e precisa ser oferecido de coração aberto.

Eu me inclinei para a frente e o tomei em minha boca, chupando com força, mostrando quanto suas palavras significavam para mim. Ele valorizava meu conforto acima de tudo, e eu compreendi que não era apenas diversão. Eu era dele, completamente, pelo mês inteiro. Tínhamos feito um acordo, e ele estava levando esse compromisso a sério. Agora, mais do que nunca. Alec jogou a cabeça para trás quando o aprofundei o máximo que pude na garganta. A câmera clicou. Saber que ele havia capturado aquele momento íntimo entre nós me deixou ainda mais molhada e quente. Eu não queria nada além de ser possuída, ali e agora.

Ele se deliciou em minha boca por um tempo, depois se afastou abruptamente.

— A sua boca é boa demais. Mas, infelizmente, eu preciso de uma foto de nós dois desfrutando do ato de amor. — Assenti enquanto ele deu alguns passos, pegou a calça jeans e apanhou um preservativo no bolso. Eu queria dizer que estava tomando pílula e que, tecnicamente, ele não precisava usar camisinha, mas me contive. Algo naquilo não me agradava. Ele colocou o preservativo e se virou para mim. Posicionou-me de lado, da mesma maneira que fez com Aiden. Só que desta vez eu fiquei o mais perto possível, forçando os seios contra seu peito firme, tocando-o, cheia de vontade... em todos os lugares.

— Vejo que você não está mais tímida com a câmera. — Seus lábios se curvaram num sorriso.

— Ah, cale a boca e tire logo essas fotos, francês — respondi e o beijei. Eu ouvia a câmera clicar de vez em quando. Suas mãos se agarravam a meu corpo enquanto as luzes do flash piscavam. Em certo momento, ele ficou com o controle remoto na mesma mão que segurava meu seio. Pude sentir o material frio tocando o mamilo, o que adicionou um frisson de prazer e dor contra a ponta sensível.

— Agora, o amor verdadeiro. — Ele abriu minhas pernas, posicionando os quadris entre os meus, e entrou em mim, deliciosamente, centímetro por centímetro. Inclinei a cabeça para trás e arqueei o quadril para a frente. — *Oui, chérie*. Receba o meu amor — ele sussurrou e me penetrou fundo. Agarrou minha cintura e a movimentou com força, pressionando o pau grosso dentro de mim e estimulando meu clitóris no processo.

E eu me perdi.

A satisfação me atingiu profundamente quando o orgasmo ricocheteou através de meu corpo. Eu o abracei apertado, incapaz de chegar perto o suficiente, meu corpo curvado dolorosamente enquanto eu me mantinha exposta. Luzes piscavam por trás de meus olhos fechados, mas não era eu: era a câmera eternizando aquele momento delicioso.

Quando ele me soltou, rolei e fiquei por cima. Roubei o controle remoto.

— Minha vez — sorri. Em vez de pegar o controle de volta, ele colocou aquelas mãos de artista sobre meus seios e brincou com os mamilos, puxando e esfregando até que se transformassem em pontos em brasa, ardendo com a mais pura e crua necessidade. Inclinei a cabeça para trás, sentando-me em cima de Alec, com uma perna de cada lado. Levantei um pouco e descí sobre sua ereção. Seu corpo se retesou e eu disparei a câmera. Essas fotos poderiam não ir para a exposição, mas ficariam incríveis. Seriam um presente que permaneceria com ele por muito tempo depois que tudo isso acabasse.

Cavalguei meu francês com força. Ele estava ofegante, rosnando de prazer. Esperei até que ele começasse a falar em sua língua nativa — nesse momento eu

soube que ele estava chegando lá.

— *Votre sexe est si chaud. Je pourrais vous aimer toute la nuit. Encore plus, bébé.* — Mais, baby. Aprendi esta última logo no início do nosso relacionamento.

Antes que eu pudesse fazê-lo gozar, ele ficou por cima de novo. Caramba, o homem era insaciável. Sua resistência, inigualável. Seus quadris se chocaram contra os meus, pressionando meu clitóris. Antes que eu percebesse, estava à beira do paraíso novamente. Nossos corpos estavam escorregadios de suor. As lâmpadas ao redor apenas adicionavam mais calor.

— O que você falou em francês? — perguntei, antes de morder seu lábio, sugando-o.

— Que o seu sexo é muito quente e que eu poderia te amar a noite toda. Acho que vou fazer isso, *ma jolie*. — Foi tudo o que ele disse. Alec continuou se movendo dentro de mim. Palavras não eram mais necessárias. O controle remoto estava em algum lugar perto de nós, mas eu o tinha deixado cair quando o segundo orgasmo me atingiu. Então, meu francês pressionou uma mão entre nossos corpos, girando o dedo em meu centro aquecido, que pulsava por sua atenção, entre minhas coxas. Agarrei-me a ele quando brincou comigo, os dedos cravados em suas costas, arranhando-o com a força de seus impulsos. Envolvi as pernas firmemente ao redor dele e me segurei. Ele se ergueu um pouco, apoiado nos antebraços, puxou o pau quase que totalmente para fora e meteu novamente, com vontade. Meus dentes rangeram e meus dedos dos pés se curvaram quando o orgasmo atingiu meu corpo como um tornado.

Violento.

Caótico.

Destruidor.

Gritei, minha voz ecoando e se fundindo com a dele quando encontrou sua libertação.

Êxtase.

Ele nos virou de lado, ainda sentindo os efeitos do orgasmo, e a última coisa de que me lembro foi um clique final e um flash. Então, desmaiei.



Acordei sozinha, meu corpo nu coberto por alguns roupões. Uma música clássica estava tocando nos alto-falantes do estúdio. Ainda sonolenta, apoiei-me no cotovelo e olhei ao redor. Alec estava do outro lado da sala, usando calça jeans e nada mais. Delícia. Os músculos de suas costas se flexionavam e ondulavam com as pinceladas. Não sei por quanto tempo fiquei apagada, mas acho que foi bastante, pois ele estava quase terminando uma pintura de Aiden. Uma das mãos do modelo estava ao redor do pênis, o corpo curvado para a frente, dentes cerrados e cabeça

para trás. Vesti um roupão e testei meu tornozelo. Não estava tão ruim. Eu me aproximei lentamente de Alec, mas não o deixei notar minha presença. Ele não me ouviu. A música estava alta o suficiente para encobrir meus movimentos. De qualquer forma, ele estava perdido em seu próprio mundo.

Silenciosamente, sentei em uma cadeira a uns bons cinco metros de distância e o observei pintar. Ele era meticuloso com sua arte, perfeito em suas pinceladas. Era mágico assistir. Pintava rapidamente, com movimentos precisos. Era como se cada pincelada estivesse no mesmo ritmo das teclas do piano no solo da música. Arte musical. Absolutamente lindo. O cenário, o homem, a pintura, tudo se fundia em uma experiência etérea, que certamente eu nunca esqueceria. E nunca mais veria nada parecido também.

Depois de um longo tempo, não consegui mais me segurar. Eu precisava tocá-lo. Tirei o roupão e o deixei pendurado no encosto da cadeira. Pisando leve, fui até onde ele estava, em transe, olhando para sua obra. A imagem parecia completa para mim, mas eu não tenho o olhar de um artista. Não tenho olhar para coisa alguma, exceto homens sensuais, camisetas de bandas e motocicletas.

Quando cheguei perto, por trás, envolvi os braços suavemente ao redor de seu corpo, colocando as mãos sobre seu peitoral e os lábios no espaço entre suas omoplatas. Seu cheiro era divino. Tinha notas de madeira, sexo, suor e tinta. Seu peito se moveu com a força da inspiração ao meu toque. Ele estava em outro plano, contemplando seu trabalho, e eu estava invadindo esse espaço, mas Alec não pareceu se importar.

Acho que ele gostava das minhas mãos sobre seu corpo. Não. Eu *sei* que ele gostava.

— Você é beleza e luz. — Beijei suas costas, deslizando as mãos para baixo, ao longo de cada reentrância e saliência de seu abdome. O homem era uma escultura. Parecia o tipo de cara que passa horas na academia todos os dias, mas eu não o tinha visto se ocupar com nada além de mim nestas semanas.

— *Non*. Eu me escondo no escuro. Me ilumino apenas quando a minha arte está em exposição. É você quem traz luz para a superfície. Você está vendo a sua beleza refletida em mim, a maneira como os nossos corpos se chamam e se atraem.

Suas palavras me seduziam de forma tão simples quanto sua arte, quanto seu corpo. Eu estava perdida naquilo tudo. Lentamente, abri seu jeans e segurei seu pau endurecido. Nessa posição, ele estava enorme, enchendo minha mão. Mordi suas costas, incapaz de conter o desejo de tê-lo profundamente em mim, do jeito que passei a esperar quando fazíamos amor.

Alec largou a paleta e o pincel e abaixou a calça, que caiu em seus tornozelos, deixando-o preso. Girei o polegar sobre a cabeça de seu pau, espalhando a umidade por todo o comprimento. Então, passei a acariciá-lo. Para cima e para baixo, rápido

e forte, devagar e com vontade, do jeito que ele gostava. Ele apertou minha mão e a levou até a boca, lambendo e chupando todos os dedos, um a um. Sua língua fez cócegas em minha palma, cobrindo-a de saliva. Em seguida Alec guiou minha mão novamente até seu pau e a deslizou pelo comprimento, sinalizando para que eu o segurasse com força. Então a moveu para cima, parando na ponta, e em seguida para baixo, fazendo mais pressão. Muito mais do que eu conseguiria sozinha. Peguei o ritmo e ele soltou.

Ele começou a falar em francês quando suas mãos se separaram e descansaram na parede, prendendo a pintura à sua frente. Sua língua nativa nunca parecia tão doce quanto no momento em que ele se perdia, durante o sexo. E eu estava gostando mais disso do que poderia admitir. Naquele instante, Alec deixou que eu assumisse o controle, me permitindo amá-lo com as mãos. Segurei com força, subindo devagar e descendo rápido, várias vezes. Ele gemeu e se manteve apoiado na parede com um braço, depois desceu a mão direita. Apertei o peito com mais força contra suas costas quando seus dedos me encontraram, deslizando entre minhas pernas, na carne molhada e cheia de vontade, cobrindo minhas coxas com meu desejo por ele.

Dois dedos giraram em meu clitóris e então mergulharam. Ofeguei e apoiei o braço esquerdo em seu peito, me agarrando a seu ombro. O outro continuou trabalhando para cima e para baixo, firme e suave, dando a ele a exata pressão necessária. Juntos, acariciamos um ao outro, nos perdendo na alegria de sermos um naquele momento.

Ele falou em francês, e eu em inglês. Ambos sussurrando coisas deliciosas e sem sentido. Eu sabia que, se ele tocasse meu feixe de nervos sensível, eu chegaria ao clímax. Apertei os dedos dele dentro de mim, um sinal de meu orgasmo iminente. Em resposta, seu pau liberou mais fluido pela pequena fenda no topo. Estimulei aquele ponto e a superfície abaixo, então o apertei com força e, pressionando seu corpo, gozei. Meu interior espremeu seus dedos, minha mão apertando seu pau. Nós nos arqueamos e nos contraímos um contra o outro, seu gozo revestindo minha mão e o chão de concreto. Meus dentes afundaram em suas costas, e ele gemeu enquanto os últimos vestígios de nosso amor iam embora.

Quando nós dois nos acalmamos, eu o beijei suavemente e lambi o local onde o havia marcado nas costas. Afastando-me, encontrei duas marcas crescentes logo acima de sua tatuagem. Ele me entregou uma toalha, que estava sobre a mesa perto do material de pintura. Limpei a mão, mas minha concentração estava toda nas marcas que deixei em sua pele.

— Desculpe — sussurrei contra a mordida.

— *Tu ne devrais pas être désolé* — ele falou em francês e balançou a cabeça. — Não se desculpe — repetiu, olhando para mim. — Nunca se desculpe por se deixar levar pela paixão. Vou considerar suas marcas como medalhas de honra. — Ele se

inclinou para a frente e levantou a calça jeans, mas não a abotoou antes de se virar e me envolver no calor de seus braços. Abracei-o, ainda trêmula. Lágrimas começaram a correr pelo meu rosto enquanto as emoções me dominavam.

Alec me acalmou, como sempre fazia. Longas carícias em minhas costas nuas, sussurros em francês misturados com inglês, me dizendo que eu era linda. Que era amor. Que era luz. E que, por enquanto, era dele.

Mais tarde, ele me fez posar para fotos. Eram três da manhã, mas não me importei nem um pouco. Tinha acabado de ser comida, estava nua e saciada.

— Estenda a mão como se estivesse cobrindo a masculinidade dele — Alec instruiu. Fiz o que ele pediu. — Cubra o seio com uma mão e incline a cabeça para trás. Feche os olhos e abra a boca. — Segui suas instruções ao pé da letra.

A câmera clicou e eu sorri. Clicou novamente. Abri os olhos e olhei para meu artista. Meu francês. Ele estava lindo com seu jeans aberto, dando-me uma amostra daquilo que eu tivera duas vezes naquela noite. Fechei os olhos novamente, passei a mão sobre o seio e cobri meu centro.

Clique.

— Terminou?

— Agora, sim — ele disse, com um sorriso sexy. Então veio até mim e me pegou no colo de seu jeito favorito, como se eu fosse uma princesa.

— Meu tornozelo está melhor. Eu consigo andar.

— Mas eu prefiro carregar você. — Ele inclinou a cabeça e me levou pelo estúdio, no elevador e até sua casa, onde me deitou na cama e envolveu um braço ao redor de meu corpo quando se acomodou.

Eu podia sentir sua respiração contra a pele do meu pescoço.

— Esta noite, *ma jolie*, foi muito maior do que qualquer coisa que eu já fiz. Estar com você é... é como ter um lugar especial no mundo. Nunca mais vou ter isso de novo. Eu quero que você saiba que tudo isso tem um significado muito forte para mim.

Mesmo estando cansada e pronta para dormir, eu me virei e o abracei apertado. Ele aninhou a cabeça em meu peito e se aconchegou em meus seios. Era disso que ele precisava, era ali que queria estar. E eu daria aquilo, pois ele estava me dando alguma coisa também: a constatação de que eu era mais do que apenas a Mia irmã, filha, amiga. Eu era uma mulher. Com sentimentos, desejos, aspirações, e não apenas a soma daquilo que minha mãe deixou quando partiu.

Ser acompanhante era algo que eu precisava fazer para salvar meu pai mais uma vez. Um meio para um fim. Se tinha de ser assim, pelo menos eu me divertiria no processo.

Acariciando-o, passei os dedos pelos cabelos de Alec. Ele gemeu lentamente, até que o senti mais pesado em meu peito. Pela primeira vez, Alec adormeceu em meus

braços.



Hoje Alec fez o café da manhã para mim... e me serviu na cama. Aparentemente ele estava bastante satisfeito com a sessão de fotos da última noite. Eu mal podia esperar para ver as imagens. Pedi que as conferíssemos sozinhos, para o caso de eu precisar atacá-lo. Ele disse que faríamos isso mais tarde, pois novamente... tínhamos muito trabalho a fazer. Um rápido orgasmo matinal, com sua boca entre minhas pernas, e eu estava empolgada e pronta para o trabalho. Literalmente. Ele usou esse artifício para me fazer sair da cama. Safado. Eu estava facilitando muito para ele. Bastava me agradar e eu cedia.

Quando chegamos ao estúdio, ele me direcionou para a cadeira. Estávamos em frente à tela de Aiden, que Alec havia pintado na noite anterior. Desta vez ele me fez tirar toda a roupa e ficar ao lado da pintura. Então me virou de lado e colocou minha mão esquerda sobre a ereção do quadro, cobrindo uma parte dela. A outra mão estava escondida em meu cabelo. Ele me inclinou ao longo da parede. Era como se eu estivesse deitada, masturbando Aiden. Alec tirou um monte de fotos assim. E o trabalho estava acabado.

No dia seguinte, ele me colocou novamente na cadeira e pintou meus lábios. Levou-me até a pintura que havia terminado na noite anterior, mas essa era mais simples. Só uma serigrafia do meu braço estendido sobre a imagem já existente de Aiden. Quando ele me posicionou, me fez beijar a impressão da minha mão sobre o pênis do modelo. Era interessante, para dizer o mínimo, embora eu não entendesse muito bem.

— Você vai entender, Mia, prometo — ele disse, mas não explicou melhor.

Outro dia se passou, e dessa vez, quando cheguei ao estúdio, uma imagem gigantesca de mim e Alec no auge da paixão havia sido pintada e pendurada ao lado da tela de Aiden. Entre as duas, uma serigrafia de mim e Aiden. Mas não era uma imagem que eu esperava ver, nem sabia que ele tinha fotografado.

A foto foi tirada quando Alec interrompeu a sessão daquele dia. No momento em que Aiden e eu estávamos nos afastando. De alguma forma, nossa nudez havia sido capturada de um jeito que nossas partes íntimas estivessem cobertas. Meus joelhos estavam encostados em meu corpo, e Aiden tinha se virado e estava estendendo a mão para mim. Se o clique não tivesse sido feito de forma tão honesta, eu odiaria essa foto.

Aponte para a imagem no centro.

— Por que essa está aí? — perguntei.

— Você sabe por quê.

— Está tentando me confundir?

Ele balançou a cabeça.

— De modo algum. Olhe para as três como um todo, não separadamente, e você vai entender.

Olhei para a primeira imagem. Aiden dando prazer a si mesmo, encontrando alívio com a própria mão. Minha mão tentava esconder do mundo seu momento particular, sem sucesso. Em seguida, a imagem dele tentando me tocar quando eu estava desconfortável e insegura a respeito do que estávamos fazendo. E então a pintura de mim e Alec unidos. Minha perna estava sobre a sua, ele dentro de mim, mas quem olhava não conseguia ver a penetração. Meu braço, ao redor dele, impedia que meus seios ficassem expostos. Nosso olhar era encantador. Nós dois estávamos no auge do prazer, caindo juntos no abismo.

As três cenas, em conjunto, contavam uma história. Um homem dando prazer a si mesmo. O homem que, supostamente, deveria amar e proteger meu personagem, mas não o fez. Seu amor não era retribuído, como mostrava a segunda imagem. E, então, encontrei o amor nos braços de outro.

— Consegue ver agora? — Alec sussurrou em meu ouvido quando me abraçou por trás, puxando-me contra si.

Assenti.

— Sim, está arruinado.

— Amor arruinado?

Novamente, não consegui encontrar as palavras, por isso só concordei com a cabeça e me recostei nele.

— Então é assim que vai se chamar. Estas telas vão ser penduradas juntas e batizadas de *Amor arruinado*.

Claro. Amor arruinado. Eu só tive isso. Só conheci isso. Bem apropriado.



Meu tempo com Alec acabaria em breve. Em oito dias, para ser exata. Tínhamos mais duas obras para terminar, e eu ainda não havia deixado o prédio. Não tinha visto absolutamente nada de Seattle e, embora o sol estivesse brilhando agora, duvidava de que Alec fosse querer sair. Nos últimos dias, ele se manteve concentrado em adicionar toques finais a cada tela. Disse que gostaria de acrescentar alguma coisa a elas todos os dias, até o limite, quando elas precisariam ser penduradas nas paredes para a exposição, que aconteceria em uma semana. No dia seguinte, eu deixaria Seattle. Finalmente iria para casa, no período entre um cliente e outro.

Casa.

Infelizmente, não me refiro a L.A. Eu iria para Las Vegas. Precisava ver meu pai, e estava sendo forçada a fazer o segundo pagamento pessoalmente. Encontrar o velho Blaine cara a cara. Não foi ideia minha; era parte do acordo. Filho da puta. Eu deveria ter percebido muito antes que me envolver com Blaine traria problemas. Era algo que nunca falhava: eu sempre me metia em encrenca com os homens. Agora pelo menos estava sendo paga por isso, e, ao final de um mês, tudo acabava. Eu podia seguir em frente. Sem drama. Só trabalho. Era assim que tinha de ser.

Com Wes e Alec, não parecia trabalho. Eles eram bons homens, com quem eu me importava... profundamente. Qualquer mulher agarraria a chance de se comprometer com um dos dois, mas não eu. Não era nem mesmo uma opção. De qualquer forma, eu não acreditava que, mesmo em circunstâncias diferentes, um relacionamento entre mim e Alec duraria mais que alguns meses. Não me leve a mal. Eu gostava dele. Muito. E ele definitivamente parecia curtir minha companhia. Só que isso não é o bastante para construir um relacionamento. Ele precisava de mim por causa de seu trabalho. Eu precisava dele pelo dinheiro. No meio disso, criamos um vínculo que se sustentava em atração física e amizade. Nada mais. Já Wes era outra história. Ele era o tipo de cara que você quer agradar, de quem você se gaba para as amigas e com quem sonha se casar um dia. Não era do tipo “amar e cair fora”, embora, no começo, ele tenha tentado ir por esse caminho — até que não funcionou mais e ele me pediu para ficar.

Wes me pediu para ficar. Com ele. Por ele. Para que pudéssemos ser *nós*.

Suspirei alto, olhando para a sala vazia e o dia ensolarado através das janelas.

Alec precisava me levar para sair. Ponto. Eu estava naquele lugar havia mais de duas semanas. Não aguentava mais. Meu celular tocou quando eu estava indo para o elevador, à procura dele.

— Alô? — atendi sem olhar a tela.

— Boa tarde, boneca. Como está a minha melhor máquina de fazer dinheiro?

Revirei os olhos e me joguei na cadeira perto da porta.

— Oi, tia Millie.

— O que eu disse sobre me chamar de Millie? É sra. Milan para você, menina — ela me lembrou daquilo que eu continuava a ignorar.

Mesmo que ela não pudesse me ver, balancei a cabeça.

— Sem chance. Nunca vai acontecer. Você trocou minhas fraldas, me conhece melhor que a minha própria mãe, aquela sua irmã derrotada. Para mim vai ser sempre Millie, tia.

— Argh. Não me lembre de como estou velha. Eu posso ficar complexada. O que me lembra... — Tia Millie fez uma pausa e eu ouvi um ruído, como se ela estivesse escrevendo. — ... de ligar para o meu médico e renovar o botox.

Eu gemi.

— Isso é péssimo, tia. Não enfie essas porcarias no rosto. Você pode acabar paralisada.

— Se Deus quiser! — ela respondeu jovialmente. Depois riu e mudou de assunto.

— Enfim, boneca, a razão do meu telefonema é o sr. Março. Você vai para Chicago!

— O som de teclas atravessou o fone. Coloquei a mão na testa.

— Chicago. — Eu nunca estivera lá. Caramba, nunca estivera em nenhum lugar além de Nevada e da Califórnia. — Quem é o sortudo desta vez? — perguntei, sarcástica.

Ela estalou a língua.

— Anthony Fasano. Um grande empresário do ramo alimentício. Ele é dono da maior cadeia de restaurantes italianos do país. Conhece o Fasano's?

— Puta merda! Já comi lá um milhão de vezes. A Gin e eu adoramos o Fasano's. A melhor comida italiana de Las Vegas!

— Sim... Bom, Anthony Fasano herdou uma cadeia de restaurantes com mil e duzentas filiais quando o pai dele faleceu, no ano passado. Aparentemente, a família o está pressionando para arrumar uma esposa e produzir um herdeiro. São cinco irmãos, e ele é o único homem. E você vai ser a namorada, agora noiva, que mora longe, na costa oeste. Ele vai levá-la para conhecer a família. A ideia é aliviar a pressão em cima dele.

— Parece um daqueles programas de tevê com barracos de família.

— Olha, Mia, nossa única preocupação é que eles paguem a bela taxa pelos seus serviços. O que isso envolve realmente não importa. Reuniões de conselho,

coquetéis, bancar a musa, fingir ser a noiva de alguém para enganar a família... — Eu praticamente podia ouvi-la dar de ombros. — Não importa para nós. Apenas faça o seu trabalho. Além disso, ele é mais um belo espécime masculino. Você pode tentar ganhar o seu extra de vinte por cento. Por falar nisso, a taxa adicional da sua comissão já foi depositada na sua conta pelo sr. Channing, e ontem mesmo pelo sr. Dubois. Parece que você está se divertindo — ela comentou.

— Desculpe. O que você disse?

— Além de ter ganhado uma fortuna...

— Não! Isso que você falou... O Wes e o Alec me pagaram... por sexo? — Fechei os olhos e senti o coração parar de bater. — Que merda é essa? — sussurrei. Um dilúvio de lágrimas se formou, pronto para estourar a barragem e se libertar.

— Boneca, eles tinham que pagar mesmo. Estou surpresa por você não ter percebido antes. O sr. Channing pediu seus dados bancários e transferiu o dinheiro antes mesmo de você sair de Malibu. Já o sr. Dubois pagou ontem, por meio de um dos assistentes dele. Qual é o problema?

Balancei a cabeça e apertei as mãos, desejando socar a parede mais próxima. Senti o calor dominar meu corpo como lava ardente a caminho do topo de um vulcão.

— Preciso desligar. Me envie as informações sobre o próximo cliente. — De forma abrupta, desliguei, apertei alguns botões e pressionei a tecla para completar a ligação.

O celular tocou algumas vezes. Apenas o suficiente para minha raiva alcançar o ponto de ebulição.

— Oi, Mia. — A voz de Wes era suave. — Eu estava pensando em você...

— Deixe de conversa. Que merda você acha que está fazendo? — Minha voz parecia uma navalha afiada, sem proteção contra a pontada sangrenta.

— Ei, calma aí. Qual é o problema? — Sua voz soava preocupada, mas era tudo mentira. Tudo entre nós fora a porcaria de uma mentira.

— O dinheiro, Wes! Como você pôde fazer isso comigo? — resmunguei, tentando pôr as palavras para fora.

— Você não recebeu? Meu Deus, seu pai está bem? Eu posso ir até aí. Pago o que você precisar. Me diz que está tudo bem, Mia! — ele pediu, rouco.

— O meu pai está bem. Ainda em coma. Eu não estava falando do que devo ao agiota. Estava falando do dinheiro que você depositou por ter ficado comigo. De maneira íntima. Ou foi só uma trepada para você?

Ele respondeu de um jeito rude, cheio de sentimento:

— O que aconteceu entre a gente nunca teve a ver com a porra do dinheiro, Mia, e você sabe disso tão bem quanto eu! — Pude ouvir a luta em sua voz, a tentativa de conter a própria frustração.

— Então, por quê? Por que você me tratou como uma puta? — As lágrimas escorriam pelo meu rosto mais rápido do que eu conseguia enxugá-las.

— Não. Mia, não! Não se atreva a dizer isso. Não foi assim que aconteceu.

— Ah, não? Então por que tem um extra de vinte mil dólares na minha conta? A Millie me falou!

— Quem diabos é Millie?

— Minha tia. A *sra. Milan*. A agência de acompanhantes é dela. Te lembra alguma coisa?

— Você trabalha para a sua tia?

Apertei os dentes, a irritação tomando o lugar da tristeza e a substituindo por raiva incandescente.

— Não é esse o ponto, Wes! Eu pensei que o que tivemos significasse alguma coisa. Foi por isso que não falei nada sobre a taxa! Eu nunca teria feito você pagar. Eu não sou uma prostituta! Fiquei com você porque quis, não porque você estava pagando.

— Mia, minha linda, me escute. Isso estava no contrato. Além do mais, eu queria que você ficasse com esse dinheiro. Você não me deixou pagar o agiota para ajudar o seu pai. No mínimo eu pensei que poderia usar essa quantia para quitar a dívida mais rápido. Me desculpa. Eu nunca quis magoar você. — Houve uma longa pausa em que não ouvi nada, exceto um longo suspiro. — Merda, eu sinto muito, Mia. Você tem que acreditar em mim. Eu nunca pensaria isso de você. Eu me preocupo com você. Demais... — ele sussurrou a última parte. — Estou sentindo a sua falta. Mais do que deveria. Estou... Me diga o que eu tenho que fazer para resolver as coisas entre a gente.

Respirei fundo e olhei pela janela. Tudo parecia muito verde depois de tantos dias de chuva.

— Wes, você me magoou. Isso que você fez. Mas...

— Mas o quê? — Wes soava como um homem desesperado, se agarrando a qualquer coisa que pudesse tirá-lo do buraco que ele mesmo cavara.

Fechei os olhos e engoli o nó na garganta.

— Eu entendi por que você fez isso. Vou devolver... o dinheiro.

— Não, linda, não. Por favor, eu quero te ajudar a sair disso o mais rápido possível. É egoísta da minha parte, eu sei, mas... — Sua respiração irregular se tornou audível. — Talvez isso traga você de volta a Los Angeles mais cedo. Ajude a sua irmã com a faculdade. O que você precisar, Mia. Eu só quero te ajudar. Por favor, me deixe fazer isso.

— Wes...

— *Por favor.*

— Tudo bem.

— Obrigado — ele murmurou suavemente, da forma como os amantes fazem. — Está tudo bem entre a gente? Ainda somos...

— Amigos — completei.

Ele riu baixinho. Foi o mais belo som que ouvi em três semanas.

— Sim, amigos — repetiu.

— Somos, sim. Eu preciso desligar.

— O seu cliente? — As palavras agora eram estáveis, sem emoção.

Fiz um movimento de cabeça, embora ele não pudesse ver.

— Também estou com saudade.

— Está?

— Sim. Nós vamos ficar bem. Nos falamos depois?

— Você sabe onde me encontrar, linda. Você tem a chave.

— Tchau, Wes. — Desliguei antes que pudesse ouvir sua resposta. Ouvi-la me faria querer saltar pelo telefone e beijá-lo, tranquilizá-lo e fazê-lo se sentir melhor. E *a mim* também. Pelo menos descobri que ele agiu daquela maneira para me ajudar e realmente não percebeu a mensagem que estava mandando.

Não sou prostituta de ninguém.

Era hora de ter uma conversinha com Alec.



— *Ma jolie!* Estou pronto para você. Precisamos fazer algumas fotos de *Amor egoísta*. — Alec me apressou no momento em que entrei no estúdio, me levando para o lençol branco sobre o acolchoado. — Tire a roupa. Não podemos perder tempo.

Antes que eu pudesse expressar a raiva que fervia dentro de mim por causa do dinheiro, ele tirou minha blusa e estava abrindo minha calça. No mesmo instante, o espaço entre minhas coxas se aqueceu com a carícia insistente. Corpo traidor.

— Pare, francês! Eu preciso falar com você.

— *Non*. Tire a roupa, mas fique de lingerie. — Ele se afastou em direção à escada. Seus movimentos eram ágeis, precisos e não colaboravam com a situação. Alec estava imerso em sua mente criativa, o lugar de onde ele olharia fixamente para a tela ou pintura incrivelmente rápido, sem parecer enxergar o que estava fazendo. Era bem estranho.

— Alec, eu preciso falar com você — tentei novamente enquanto um de seus assistentes puxava meus pés, tentando tirar minha calça. Fiz o que ele queria, preferindo acabar logo com aquilo. Quando estava de sutiã branco básico e calcinha simples combinando, o assistente me ajudou a me acomodar, deitada, sobre o lençol. O cabeleireiro que Alec havia colocado a minha disposição começou a agitar meu cabelo, bagunçando-o e deixando minhas madeixas perfeitamente esparramadas.

Em seguida, outro assistente chegou com a tinta vermelha.

— Não! — Empurrei sua mão. — Eu já disse, Alec. Preciso falar com você. Sobre o dinheiro que apareceu na minha conta ontem. — Cerrei os dentes e esperei que ele olhasse para mim. Mas ele não o fez. Em vez disso, mexeu na câmera, na iluminação, gritou ordens, até que finalmente me respondeu:

— *Oui*. Mande fazer o pagamento ontem — disse, distraído, olhando através da lente da câmera.

— Por quê?

— Coloque a mão dentro da calcinha, feche os olhos e finja que está se divertindo consigo mesma.

— O quê?

Alec suspirou e retesou a mandíbula, o músculo pulsando em um ritmo acelerado.

— Preste atenção, Mia. Nós temos...

— Muito trabalho pela frente. Sim, eu sei — grunhi em resposta. — Já ouvi isso uma ou duas vezes.

Seu olhar disparou sobre o meu como a bala de um rifle, os olhos estreitados.

— Então você sabe que o meu prazo é curto. A exposição é daqui a uma semana e eu tenho mais duas telas para terminar. Esta e uma outra que eu ainda não concebi. Qual é o problema? Eu mandei o dinheiro, você recebeu. *Oui*?

— Sim, Alec. Mas... — Olhei em volta. Havia pelo menos dez pessoas rondando, o que era incomum para um dia de fotos atrevidas. Ele sempre as fazia reservadamente. — Eu quero falar com você em particular.

— Nós vamos conversar. Depois que essas fotos forem feitas.

Com um suspiro de resignação, concordei e fiz o que ele pediu. Mas as coisas não estavam funcionando, o que o transformou num urso raivoso. Finalmente, Alec dispensou a equipe.

— Hoje foi um desperdício — ele disse, a raiva escorrendo de seus lábios. Seus longos dedos de artista foram até os cabelos e puxaram o elástico, permitindo que a cabeleira caísse para a frente. Alec andou de um lado para o outro, murmurando em francês.

— Bem, o que você esperava? Você queria que eu me tocasse na frente de um monte de gente? Sem contar que eu estou muito chateada com você.

Ele parou de andar, a cabeça se projetando para trás, as mãos na cintura. Quase me fez lembrar uma garota. Uma garota gostosa e viril, mas a coisa das mãos na cintura era definitivamente um movimento feminino.

— E que motivo você tem para estar tão chateada? — Seu tom era mordaz. O suficiente para reavivar a raiva que eu havia mantido sob controle nas últimas horas.

Eu me endireitei e cruzei as pernas.

— Você me pagou por sexo. Esse é o motivo!

Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente.

— E você está brava com isso? Por quê?

— Eu não sou uma prostituta! É a segunda vez hoje que um homem me trata como se eu fosse uma. Eu não transei com você por dinheiro! Por que os homens têm que ser tão cretinos? — gritei no espaço aberto. O som ecoou pelas paredes, mais alto do que eu pretendia. Ele se encolheu.

— Nós transamos. O seu contrato estipula que você recebe vinte por cento a mais para tirar a roupa e/ou fazer sexo.

Gemendo, eu me levantei e caminhei na direção dele.

— Eu achei que você tivesse *feito amor* comigo — cuspi.

— Eu fiz. Nós fizemos. Infelizmente, pode ser que a lei não veja dessa forma.

— A lei vê como prostituição. A cláusula é uma daquelas coisas que as pessoas fazem para burlar a lei. Caramba!

— Então tire isso do seu contrato. A sra. Milan colocou esse item como um adendo. Não está escrito nas letras miúdas, mas o contratante assume a obrigação de pagar. Além disso, você ficou nua muitas vezes, posando para mim. Esse já é um motivo para você receber a comissão. Agora me diga: como eu devo lidar com isso, *chérie*? Hum?

Meus ombros caíram e eu baixei a cabeça. Droga. Não era culpa dele. Ele não estava fazendo nada de errado. Estava apenas seguindo o que achava que fossem as regras. Era oficial: eu estava agindo como uma idiota.

Nesse ponto, ele poderia ter me repreendido, me feito sentir pior, mas Alec colocou os braços longos e fortes ao meu redor e me abraçou enquanto eu afundava em autopiedade. Não foram os homens que me fizeram acreditar que eu era uma prostituta. Fui eu mesma. Minhas próprias inseguranças assumiram o controle e causaram estragos em minha psique.

— Desculpa.

— Shhh. Tudo bem. Imagino que seja difícil para você.

No calor de seus braços, ponderei comigo mesma. Eu sabia o que eu era e o que não era. Dinheiro algum, mal-entendido algum, nem mesmo Millie mudaria isso. Eu era muitas coisas: filha, irmã, amiga, aspirante a atriz e a musa desse homem, mas não era uma mulher que ficava nas esquinas, uma garota de programa ou prostituta. Vagabunda, talvez. Prostituta, não.

Confortável com a forma como trabalhei aquilo em minha mente, beijei Alec com todo o sentimento. Depois fui até meu lugar no chão e me deitei sobre o lençol. Com um brilho malicioso no olhar, coloquei uma das mãos entre o sutiã e o seio. Os olhos castanho-dourados de Alec faiscaram sob as luzes claras enquanto me observavam. Deslizei a outra mão muito lentamente pelo corpo. Alec subiu a escada e pegou a câmera.

— Me mostre como você pode ser egoísta com o seu corpo, *ma jolie*.

E eu mostrei. Fechando os olhos, toquei meu corpo como se Alec estivesse me tocando. Cada movimento era feito por suas mãos. Cada suspiro era para ele. Cada gemido, engolido por seus lábios.

Minha imaginação não deixou de garantir a imagem perfeita.



De mãos dadas, Alec e eu saímos do loft. O sol brilhava, o vento soprava em meus cabelos, o mundo se abriu e me cumprimentou. *Olá, mundo. Senti sua falta.*

— Você percebeu que é a primeira vez que nós saímos do prédio desde que cheguei, e que eu vou embora daqui a três dias?

Alec levantou minha mão e a beijou.

— Não. Não mesmo, *ma jolie*. Desculpe. Tenho sido um péssimo anfitrião.

Sorri e me agarrei a seu braço enquanto caminhávamos.

— Você teve...

— ... muito trabalho a fazer — nós dois dissemos ao mesmo tempo e então rimos.

— Desculpe, *chérie*. Quando estou focado em algum projeto, só enxergo o trabalho pela frente... além de comida, prazer sexual e sono.

— Por sinal, você não tem dormido muito — censurei. E era verdade. O cara dormia menos que a maioria dos insones. Segurando sua mão com mais força, eu me virei para ele. — Então, aonde nós vamos?

Alec estava com o cabelo preso no coque de sempre. O sol fazia os fios parecerem mais vermelhos que castanhos ou dourados. Ainda assim, era incrível. Ele usava uma camiseta térmica branca de manga comprida, fina, com decote redondo, e jeans de lavagem escura. Uma câmera estava pendurada em seu ombro. Alec Dubois era gostoso. Viril, sexy, tudo isso e um pouco mais. E eu era a mulher de sorte que tinha sua atenção... por mais três dias.

— O que você quer fazer? — ele perguntou.

Olhei para as ruas de Seattle e disse a única coisa que qualquer turista diria:

— Conhecer o Space Needle, é claro.

Ele sorriu.

— Ótimo. Fiz reservas para jantarmos lá. Por enquanto, que tal uma surpresa?

— Claro.

Alec chamou um táxi. Quando entramos, deu algumas instruções ao motorista, que para mim soaram incompreensíveis, e eu fiquei observando as pessoas pela janela do carro. Ele pagou, saiu do táxi e segurou a porta para mim. Fiquei paralisada.

Alguns metros à frente, havia uma placa enorme de madeira com letras brancas em que se lia “Zoológico”. Mais especificamente, “Woodland Park Zoo”.

— Você me trouxe ao zoológico? — Abri um grande sorriso.

— Por que não? Eu nunca vim, e moro aqui há anos.

— Nenhuma razão. — Levantei a mão e segurei a sua mais uma vez. — Vamos ver os animais. — Não contei a ele que nunca tinha estado em um zoológico. Nunca. Esse tipo de passeio não era muito popular em Vegas, e, depois que minha mãe partiu, meu pai parou de fazer programas familiares de qualquer tipo.

No fim das contas, eu realmente gostei do zoológico. Havia tanta coisa para ver, ouvir, tocar e explorar.

— Até agora, de qual animal você mais gostou? — Alec perguntou, passando um braço sobre meu ombro.

— São tantos. Se eu tivesse que escolher um, seria a jaguatirica.

— Um felino?

Anuí e continuei:

— Eu me identifiquei com as fêmeas. Elas vivem uma vida solitária, se acasalam quando precisam, cuidam da prole, ensinam os filhotes a caçar e depois os deixam livres. — As sobranceiras de Alec se franziram, deformando seu belo rosto. — Além disso, são lindas. Se eu pudesse ser um animal, escolheria a jaguatirica. Elas são extremamente sensuais — terminei, tentando aliviar o clima. — E você?

Alec contraiu os lábios. Torci para que ele não quisesse saber mais sobre a minha resposta. Não era o momento de abrir minhas feridas. Agora era hora de experimentar, de construir memórias que durariam a vida toda, especialmente porque eu iria embora em breve.

— Se eu tivesse que escolher um, seria a raposa-do-ártico.

A escolha me pareceu estranha. Eu imaginava que ele fosse dizer gazela ou um animal mais exótico.

— Certo. E por quê?

— Porque ela vive relações monogâmicas. Eu sempre invejei as pessoas que conseguem fazer isso. Agora eu sei que uma criatura impressionante como a raposa também faz e... bem... isso me dá esperança.

— Ah, francês. Você é um molenga por baixo de todos esses músculos. — Bati em seu peito, fiquei na ponta dos pés e o beijei. Ele envolveu os braços ao redor de meu corpo e me beijou intensamente. Foi quando ouvi um clique. Olhei e vi que ele havia levantado a câmera e feito uma selfie de nós dois. — Uma selfie? Você, um artista? Estou chocada.

— De que outra maneira eu iria eternizar esse beijo?

Dei uma batidinha em sua têmpora.

— Use a cabeça. Nossos momentos juntos... Está tudo aí na sua memória.

— E agora também está capturado em uma foto.

Passamos o restante do dia admirando os animais. Entendi qual era a graça daquilo. Havia famílias por todos os lados, passeando, curtindo. Senti saudade de

Maddy. Será que ela já tinha ido a um zoológico? Prometi a mim mesma que a levaria no futuro. Havia muitas coisas que Maddy e eu não pudemos fazer na nossa infância. Eu tinha que corrigir isso. Assim que conseguisse tirar meu pai das garras do agiota e ele acordasse do coma. Quem sabe ele não se juntaria a nós? Improvável, mas não impossível.



No fim da tarde, o táxi nos deixou na entrada do Space Needle. A primeira parada foi o mirante. Uma vista de trezentos e sessenta graus do lugar que os moradores chamam de Cidade Esmeralda. Casais e famílias estavam por todos os lados. Encontramos uma pequena elevação com uma excelente vista para o pôr do sol. De tirar o fôlego. Apoiei as mãos sobre a grade à minha frente e olhei para a paisagem deslumbrante. Uma onda de cliques quebrou minha concentração.

— O que foi? — Sorri para Alec. Ele chegou perto, passou as mãos em meu cabelo e me beijou. Foi um beijo para ficar na memória. Lento, suave e tão quente que enviou uma corrente de desejo pelo meu sistema nervoso. Ele se afastou e colou a testa na minha.

— Você é muito preciosa. Muito linda. Demais para qualquer homem manter para si. O cara que conseguir o seu amor... para sempre... vai ser *un homme très chanceux*.

— O que isso quer dizer? — sussurrei contra seus lábios e acariciei seu nariz com o meu.

Seus dedos entrelaçaram os fios selvagens de meus cabelos, e ele me segurou pela nuca. Seus olhos estavam dourados, de uma cor que só deve existir em contos de fadas.

— Quer dizer que ele vai ser um homem de muita sorte. Ter o seu amor por toda a eternidade vai fazer dele um homem rico.

— Alec... — Sem saber o que responder, me inclinei em seu peito, o lugar mais seguro em que eu poderia estar no momento.

— Ah, *ma jolie*. Como eu vou sentir falta do seu amor na minha vida. — Ele me abraçou tão apertado quanto eu. Possivelmente ainda mais. Mesmo que eu ainda tivesse alguns dias, esse era o momento do qual eu me lembraria por toda a vida. O momento em que percebi que existem várias formas de amor, e que é possível dar um pedaço de si para uma pessoa, ainda que ela não mereça. Alec definitivamente merecia, e esse momento seria nosso para sempre.

Nós fizemos arte juntos e nos amamos do nosso jeito. Seria isso que importaria quando eu olhasse para trás, para minha vida e para as decisões que tomei no passado. Assim como qualquer uma que viesse a tomar no futuro. Meu tempo com Alec foi especial, e eu previa que, enquanto continuasse esta jornada, cada cliente

acrescentaria algo em minha vida.

— Venha. Vamos comer para voltar ao apartamento. Eu quero você de sobremesa... — Ele balançou as sobrancelhas e me levou até o elevador.

O jantar no restaurante SkyCity foi impressionante, para dizer o mínimo. Pedi frango jidori coberto com muçarela defumada e pudim de pão. Estava divino. Alec pediu filé mignon, acompanhado de uma espécie de fondue de bacon com queijo que fez meus joelhos tremerem. Durante o jantar, compartilhamos nossos pratos e, finalmente, um pouco de nossas vidas. Alec ficou surpreso por saber que eu fui criada no deserto. Ele não mencionou o fato de eu ser acompanhante, não perguntou por que escolhi essa profissão, e fiquei grata por isso. Falamos sobre minha carreira de atriz e meu interesse em motocicletas. Acabei descobrindo que ele se mudou para os Estados Unidos aos vinte e poucos anos, mas visitava a França após cada grande exposição. Alec viajaria para seu país alguns dias depois que eu fosse embora.

Conectar-me com ele em um nível além da atração física foi bom. Eu poderia continuar sendo sua amiga depois que seguisse para o próximo cliente, mas nem de longe seria o tipo de amizade que eu tinha com Wes. Meu surfista estava em uma categoria só dele.



Hoje era o dia. A abertura da exposição *Amor a óleo*, de Alec Dubois. O estúdio havia sido transformado em galeria de arte para o evento. Pelo menos foi o que me disseram. Eu estava um pouco nervosa, ansiosa para ver que impressão seu trabalho despertaria nas pessoas, principalmente porque eu era um tema constante nas obras. Havia sete delas em exposição. Alec me contara que tinha mais uma, além das seis que eu conhecia, mas ele queria me fazer uma surpresa. Trabalhar na última tomara a maior parte de sua atenção na reta final.

Nós precisávamos desse afastamento, sabendo que no dia seguinte eu pegaria um voo para Las Vegas. E esse avião me tiraria da vida de Alec... possivelmente para sempre. Ninguém sabia o que o futuro traria, mas não havia como impedir.

Millie me enviara a passagem para Vegas e o bilhete de ida para Chicago, onde Anthony Fasano me pegaria pessoalmente no aeroporto. Meu tempo em Seattle estava se esgotando. Em menos de vinte e quatro horas eu estaria decolando para casa. Gin e Maddy iriam me buscar e me levar para ver meu pai. Eu precisava reencontrar o meu velho.

O relógio marcava seis da tarde. Hora de me preparar para a exposição. Vasculhei minha mala e peguei o único vestido que tinha trazido. Sendo uma garota de Vegas, eu sempre carregava comigo um vestidinho preto, que não amassava e podia até ser retorcido que ainda assim sobreviveria no fundo da bolsa. Quanto aos sapatos, eu teria que ir descalça, de chinelos ou cometendo o suicídio fashion de usar minhas

botas de motoqueira. Enquanto ponderava sobre minhas opções, muito limitadas, uma enorme caixa branca com um laço vermelho brilhante aterrissou na cama perto de mim.

— Para você. — A voz de Alec atingiu meus sentidos em uma saudação sensual.

Eu me virei e minha boca se abriu. Alec estava ali, pronto para a noite, de terno. Era a primeira vez que eu o via assim, tão formal. Ele estava alinhado, para dizer o mínimo. Salivei com a visão de seu belo corpo envolto em tecidos finos. O terno era preto. Inteiro. O paletó, a camisa, a gravata fina de cetim. Definitivamente, mexeu comigo. A área entre minhas coxas ficou instantaneamente molhada, e a tensão crepitou no ar quando deixei cair a toalha que me cobria.

— *Douce mère de toutes les choses saintes* — ele disse, em um francês abafado. Isso não ajudou. Em vez de me acalmar, me excitou ainda mais. Mordi o lábio e inclinei o quadril, observando-o vir até a mim. Num piscar de olhos, a boca de Alec estava na minha, e minhas costas contra a parede. Suas mãos deslizaram para minha bunda e me puxaram para cima. Gemi quando o volume grosso por baixo da calça me pressionou com mais força contra a parede, no ponto onde eu mais queria.

— Não podemos fazer isso agora — avisei, sem acreditar em minhas próprias palavras. Chupei seu pescoço e lábios e preendi os calcanhares em sua cintura. Ele gemeu quando sua língua entrou em minha boca. Por um longo momento, não houve nada além da profundidade daquele toque, do mordiscar de seus dentes e do contato da seda contra a carne.

— Podemos. Já estamos fazendo. — Senti sua respiração em meu pescoço enquanto ele falava. — *Nous allons nous dépêchez.*

— O que isso quer dizer? — Chupei o ponto atrás da orelha, onde ele amava ser tocado, e agarrei o coque com força, puxando seu rosto para trás. Seus olhos estavam escuros, sem transmitir nada em suas profundezas além da promessa de prazer.

— Quer dizer que temos que ser rápidos. — Ele abriu o cinto, desabotoou a calça, puxou um preservativo do bolso e, em seguida, estava encaixado em minha abertura, só a pontinha.

— Puta merda. Não pare agora, Alec. Por favor, eu quero você — implorei.

Ele adorava quando eu falava assim, e eu sabia disso. Deslizou a cabeça larga de seu pau em meu centro, esfregando-a naquela umidade. Moveu as mãos até minha bunda e depois entrou inteiro.

— Ah... — gritei, seu pau duro como aço me preenchendo mais profundamente do que nunca. Tão fundo que eu perdi o fôlego, recuperando-o somente quando ele me beijou. — Tão bom... É sempre tão bom com você.

Ele gemeu em meu pescoço, me prendeu contra parede e me segurou ali, pendurada em seu pau, passando as mãos sobre a pele sensível dos meus seios,

então beliscou os picos duros. Meus mamilos eram dois pontos quentes, fervendo de necessidade. A cada toque, aperto e puxão, ele me levava mais perto do nirvana.

— Vou gozar — anunciei. Ele sorriu contra a ponta ereta e a mordeu.

E era isso. Nada mais foi necessário. O orgasmo me atingiu como um machado destruindo o tronco de uma árvore.

— Nunca esqueça como está se sentindo agora, *ma jolie. Je t'aime*. Eu te amo — Alec disse antes de tomar minha boca. Meu sexo apertou o cerco ao redor de seu pau, dando-lhe o que ele precisava enquanto ele me estocava feito louco. Quando chegou ao clímax, ele me afastou da parede e me levou até a cama, onde se sentou, ainda dentro de mim. Os tremores em meu corpo levaram vários minutos para diminuir. Enquanto isso, Alec me abraçou e me acarinhou como sempre fazia. Eu sabia que isso o acalmava tanto quanto a mim.

— Nós vamos nos atrasar para a sua própria exposição. — Eu ri.

Ele sorriu.

— Por uma boa razão. — Então piscou e indicou a grande caixa branca. — Isso é para você. Para usar esta noite.

Animada, pulei de cima dele e parei ao lado da cama. Ele tirou o preservativo enquanto eu abria o presente.

Dentro da caixa, encontrei um vestido em tom champanhe. Era bordado com minúsculos cristais, que brilhavam e cintilavam sob a luz. O decote era de um tecido fluido, que caía sobre meus seios de um jeito sensual. As finas alças que o sustentavam no ombro faziam o drapeado parecer absolutamente natural. A bainha ficava logo acima dos joelhos, e o vestido parecia ter sido pintado em mim. Alec me estendeu outra caixa enquanto eu terminava de me vestir: sapatos Gucci dourados, com saltos de dez centímetros cravejados de spikes. Perfeição absoluta.

— Nunca conheci uma mulher que não amasse sapatos — ele comentou.

— Toda mulher adora um salto agulha. Especialmente se o sapato for incrivelmente sexy. Está no nosso código genético. — Dei de ombros. — Nós nascemos desse jeito.

Alec ajeitou o terno enquanto eu me arrumava e então me levou à vernissage. A festa já estava no auge quando chegamos. No momento em que entramos na galeria, flashes espocaram e aplausos encheram o ambiente. Uma loira usando um terninho branco justo imediatamente levou Alec para longe. Era sua relações-públicas. Eu não a via desde os primeiros dias, e ela segurava o braço dele com tanta força que poderia tirar sangue caso ele tentasse escapar. Alec me olhou por cima do ombro. Seus lábios virados para baixo e a testa franzida provavam que ele não estava contente. Acenei e lhe soprei um beijo.

Um garçom me ofereceu champanhe. Peguei uma taça rosada borbulhante e fui até a primeira tela. Era eu. Claro. No entanto, Alec tinha acrescentado muito mais

profundidade desde a primeira vez em que eu a vira. Agora, era como se eu pudesse pegar a lágrima correndo pelo rosto de minha imagem, borrando os lábios vermelhos pressionados na pintura.

Nada de amor para mim estava escrito embaixo da tela. Andei por alguns metros e vi a mesma imagem, mas esta incluía a serigrafia e a pintura em que eu tocava o coração da imagem original. *Ame a si mesmo*. Ler aquelas palavras foi como enfiar uma lança diretamente em meu coração, tocando emoções que não estavam muito bem escondidas.

Incapaz de olhar por mais tempo, segui para o conjunto de três telas, que exibiam mais ação. Havia muitos espectadores naquele ponto, sob a luz que brilhava iluminando o enorme tríptico que pendia do teto. Acima das obras estava escrito *Amor arruinado*, mas notei que abaixo de cada uma havia um nome.

A primeira, que mostrava Aiden dando prazer a si mesmo e minha mão sobre sua ereção, fora intitulada *Amor proibido*. A imagem do meio, em que Alec havia clicado um momento hostil entre mim e Aiden, se chamava *O amor machuca*. Então, a última. Havia uma multidão ao redor dessa pintura. Era definitivamente a mais impressionante das três. Ele tinha adicionado redemoinhos vermelhos em todo o espaço ao redor do casal, destacando a paixão ardente compartilhada entre os dois. Abaixo da obra, o nome simplesmente dizia *O nosso amor*.

E era o nosso amor. Meu e de Alec. Bonito, apaixonado, selvagem, mas, ainda assim, um amor que precisava ser cuidado e alimentado. Era a pureza perfeitamente capturada.

Caminhei ao longo da parede e observei as pessoas discutindo arte. Não vi ninguém ofegar ou fazer careta. Isso devia significar que elas compreendiam a visão de Alec.

A pintura seguinte me deixou excitada. Completamente molhada e pronta para saltar em cima de Alec no momento em que o visse novamente. *Amor egoísta*, ele nomeou. Era eu, me dando prazer para o mundo ver. Tinha alguma coisa muito honesta e poderosa naquela imagem. Pelo menos, me fez sentir assim.

Os braços de Alec me envolveram enquanto eu olhava para a pintura.

— Gostou?

— Gostei mais de fazer — falei baixinho, em um verdadeiro gemido.

— Ah, entendo. Mais tarde nós poderíamos revisitar essa cena, hum? — Assenti rapidamente. — Venha ver a última. É a melhor fotografia que eu já tirei.

Isso dizia muito. Alec Dubois era um artista e fotógrafo verdadeiramente sensacional. Suas imagens podiam ser encontradas em tudo, desde calendários até litografias assinadas. Ele me levou até uma tela coberta por um tecido gigante.

Fiquei parada enquanto uma multidão nos rodeava, aguardando a revelação.

— Este retrato será vendido pelo dobro do preço. Metade do valor vai para você,

ma jolie.

Chocada, balancei a cabeça várias vezes, mas ele apenas sorriu e puxou a cortina. Era eu. Realmente eu. *Eu de verdade.* Apenas Mia. Eu estava de pé, no mirante do Space Needle, olhando para o horizonte. Meu cabelo balançava como uma bandeira negra na brisa leve. Eu estava serena, feliz, eufórica e exultante com a beleza diante de mim. Parecia livre naquele momento. Não presa a um trabalho que eu não queria fazer, mas precisava. Não socorrendo meu pai ou batalhando para me tornar atriz em Los Angeles. Beleza crua. E, pela primeira vez, eu me vi muito bonita. Alec me fez enxergar isso naquela imagem.

Lágrimas se formaram em meus olhos enquanto eu olhava para o que ele tinha capturado. Meu corpo estava envolto em calor; minha visão, centrada em um ponto brilhante de luz; o resto, em uma caverna escura. Examinei o título abaixo da tela. Lágrimas caíram pelo meu rosto, sobre meu peito e no concreto abaixo de meus pés. Meus olhos encararam os de Alec. Os dele estavam vidrados e úmidos, embora ele não tivesse deixado nenhuma lágrima cair.

Abaixo da foto mais linda que eu já tinha visto de mim mesma, o nome dizia tudo.

Adeus, amor.



A noite foi incrível. Eu me senti a Cinderela no baile do rei. Quando a última tela foi revelada, todos começaram a ligar os pontos. Jornalistas me entrevistaram, tiraram fotos de mim e Alec juntos, quase sempre fazendo um estardalhaço. Foi divertido. As taças de champanhe que eu consumi também contribuíram para o meu bom humor. Quando a exposição acabou, havia ofertas para todos os quadros. Eles passariam os próximos seis meses em turnê por galerias. Em seguida, os compradores teriam seus Dubois originais. Antes, Alec queria que o público tivesse a oportunidade de ver o seu trabalho. Eu entendia. Era a paixão da sua vida e deveria ser compartilhado com mais gente.

Agora a janela mostrava o céu ainda escuro. Devia estar bem próximo do nascer do sol. Antes de me arrumar na noite anterior, eu havia feito as malas, que deixara escondidas em um canto no piso inferior. Meu voo sairia cedo, e eu não queria acordar Alec. Tal como acontecera com Wes, eu não suportava a ideia de me despedir olhando em seus olhos. Examinei seu rosto esculpido e seu corpo impressionante. Impressionante e completamente apagado. Ele tomou um pouco mais de champanhe que eu, e também uma bebida francesa extravagante da qual eu nunca tinha ouvido falar. Então me levou para a cama, trepou comigo até não aguentar mais e desmaiou, ainda dentro de mim.

A maneira como fizemos amor foi louca, divertida, emocional e simbolizava o mês todo que passamos juntos. Eu quis partir deixando que essa fosse a nossa última lembrança.

Levantei da cama e enfiei uma camiseta dele em minha bolsa. Não havia qualquer outro motivo, senão levá-la como recordação. A peça tinha aquele seu cheiro maravilhoso. Peguei todas as minhas coisas e tomei banho no banheiro de baixo. Eram quase cinco da manhã quando fui para a cozinha. O táxi chegaria em vinte minutos. Meu voo para Vegas partiria às sete.

Peguei meu bloco de papel personalizado e uma caneta. Estava na hora.

Alec, meu amado francês,

Lamento deixá-lo assim, mas é melhor que a sua última lembrança seja a de nós dois fazendo amor. Pois foi isso o que fizemos: amor. Eu deveria ter lhe dito isso ontem. Não sei por que não o fiz. Eu te amo, sabia? Amo você, Alec. Do nosso jeito. Da melhor maneira. Como amigos, como amantes, como duas pessoas destinadas uma à outra pelo tempo que tivemos.

Sempre vou me lembrar dos momentos que passamos juntos. Você me ensinou sobre todos os tipos de amor, e a forma como você pensa o amor é especial. Vai ficar comigo pelo resto da vida. Com você e a sua arte, fui capaz de enxergar como um relacionamento amoroso pode ser se os dois forem completamente honestos. Você nunca mentiu, nunca me manipulou e sempre disse a verdade. Sou muito grata por isso.

Nunca sonhei que a experiência de ser sua musa pudesse me mudar. Mas aconteceu. Você me mudou. Para melhor.

Obrigada, Alec, por me mostrar que é bom amar, dar amor livremente e aceitar o amor que me foi dado, mesmo que por pouco tempo.

Je t'aime. Au revoir,
Mia

Beijei a folha perto do meu nome e deixei a carta ao lado do pote de café. Então me forcei a não subir as escadas para uma última olhada em Alec. Em vez disso, apertei o botão do elevador e encontrei o táxi em frente ao prédio.



O aeroporto estava lotado. Depois de passar por toda a ladainha da segurança, encontrei meu portão e embarquei. Na poltrona, com a bolsa no colo, o celular tocou no bolsinho da frente. Ao pegá-lo, percebi um envelope. Meu coração começou a bater mais rápido, pensando que pudesse ser uma mensagem de Alec. Olhei para a tela do celular. Era Ginelle.

Não vejo a hora de olhar para a sua cara feia. Agora a Mads está gritando comigo por te chamar de feia. Desculpa, sua vaca. 😊

Eu ri, guardei o celular e peguei o envelope. Meu nome estava escrito na parte da frente, em uma caligrafia elegante. Só que não era o meu nome. Era como ele me chamava: *Ma jolie*. “Minha bela”, em francês. Eu já estava sentindo falta disso. A frase saindo de seus lábios curvados pela manhã, seu cabelo bagunçado sobre o travesseiro.

Balançando a cabeça, afastei as emoções que ameaçavam explodir em um dilúvio de lágrimas. Abri o envelope e tirei um cartão. Era a réplica de uma obra sua. Uma cidade na França que ele havia pintado em algum momento e que tinha sido transformada em cartões. Engraçado e doce ao mesmo tempo. Egocêntrico.

Abri o cartão e encontrei um punhado de fotos. Reproduções das pinturas que ele tinha feito de nós e a selfie da qual eu havia debochado. Eu estava segurando seu rosto e o beijando, com a luz do dia nos envolvendo. Mechas de seu cabelo haviam escapado do coque e o meu balançava descontroladamente enquanto nos beijávamos. O sol brilhava perfeitamente sobre nós. Segurei a imagem contra o peito e deixei as lágrimas caírem. Eu sentiria falta do meu francês. Muita falta.

A última foto era uma cópia daquela que ele, apropriadamente, havia batizado de

Adeus, amor. Foi o final perfeito para um mês incrível. Ele não escreveu nada no cartão. Suas fotos diziam tudo o que precisava ser dito.

Como acontecera com Wes, eu nunca esqueceria o tempo que passei com Alec. Já considerava aquelas lembranças parte da minha vida, uma parte em que eu realmente vivi e amei.

Dei uma olhada em meus e-mails até chegar a um de tia Millie a respeito do meu novo cliente. Cliquei no ícone de sua foto. Santo Deus. Outro gostoso. Esse era, definitivamente, italiano. Um garanhão italiano. Onde é que ela arranjava esses caras? Anthony “Tony” Fasano tinha trinta e um anos e era ex-lutador de boxe — o que transparecia na foto que vi. O corpo do homem parecia esculpido em mármore. Sua pele era oliva, o cabelo negro como o meu, mas os olhos eram azuis feito aço. Ele não parecia tão alto como eu normalmente gostava que meus homens fossem. Devia ter mais ou menos um metro e oitenta, mas o que faltava em altura ele compensava em beleza puramente masculina.

A julgar pela foto de corpo inteiro, segurando uma espécie de cinturão de boxe, não havia um pinga de gordura em seu corpo. Como podia? Ele era dono de uma cadeia de restaurantes italianos, o tipo de comida que não é conhecido por ter poucas calorias. Talvez fosse uma foto antiga. Como Millie dissera, realmente não importava o motivo pelo qual ele precisava de mim. Ele precisava e pronto. E eu fingiria ser sua noiva. Só Deus sabia por quê. Um homem como aquele devia ter muitas mulheres a seus pés. Qualquer uma adoraria a chance de se casar com um rico bonito. Talvez fosse o mesmo tipo de problema que Wes tinha. Ou quem sabe aparecessem muitas peruas na vida dele e poucas mulheres do tipo comum.

Bem, vai saber. Alguns dias em Vegas e depois eu partiria para encontrar Anthony Fasano, de Chicago, Illinois.

Que venha a Cidade dos Ventos.

NÃO PERCA O PRÓXIMO PASSO DA JORNADA DE MIA.

A *garota* DO CALENDÁRIO



MARÇO

CONHEÇA A SEGUIR O PRIMEIRO CAPÍTULO.



No exato instante em que meus pés tocaram o chão da área de desembarque no aeroporto de Las Vegas, fui esmagada entre duas formas: uma alta e magra, a outra pequena e firme. Minhas narinas foram invadidas pelo cheiro de chiclete de menta e cereja quando os dois corpos se enroscaram no meu, saltitando e gritando. O som parecia o das hienas que uivavam na jaula quando Alec e eu visitamos o zoológico em Seattle.

— Nossa, eu senti tanto a sua falta — Gin choramingou, antes de me dar um selinho. Ah, era dela o chiclete de menta. Em seguida minha irmã caçula, Maddy, a tirou do caminho e me puxou para seus braços longos. Cereja. Desde pequena ela tem cheiro de cereja, e eu nunca me interessei em saber por quê. Como todo o resto, eu simplesmente aceitava esse fato. Era tudo o que importava. Maddy me abraçou, seu porte me fazendo parecer pequena com meu um metro e setenta e três. Ainda que eu fosse a mais velha, ela detinha o recorde de altura em nossa pequena família, com um metro e oitenta. Aos dezenove anos, Maddy era definitivamente bonita, mas ainda não tinha encorpado como eu na idade dela. Seu metabolismo imbatível a mantinha magérrima. Garota de sorte.

Os olhos de Maddy se encheram de lágrimas. Segurei seu rosto com ambas as mãos.

— A menina mais linda do mundo — eu me derreti. — Mas só quando sorri...

— Você sempre diz isso. — Seus lábios se curvaram para cima e eu ganhei o sorriso que adorava mais que o de qualquer outra pessoa.

— Porque é verdade. Você é a menina mais linda do mundo. Não é, Gin?

Minha amiga fez uma bola com o chiclete e enroscou o braço no meu.

— É. Agora vamos picar o burro.

Revirei os olhos.

— É picar a *mula*, Gin. — Ela parou no meio do setor de desembarque do aeroporto.

— Que seja, você entendeu. Engoliu o dicionário, é?

Dei uma gargalhada. Como aquilo era bom. Ótimo, na verdade. A tensão saiu pelos meus poros de maneira quase física, como se pudesse cair no chão e se esparramar pelo piso emborrachado. Deus, era bom estar em casa. As garotas me levaram até o Honda de Gin.

— Onde está o carro do papai, Mads? — Coloquei minha bagagem no portamalas e sentei no banco do passageiro. Maddy entrou pela porta de trás e enrolou uma mecha de cabelo no dedo.

— Hum... — Olhou pela janela, os olhos se movendo de um ponto a outro, como se estivesse tentando pensar em algo para dizer.

Meus ombros caíram.

— O que aconteceu com o carro dele?

— Nada. — Ela deixou escapar um longo suspiro e continuou enrolando a mecha de cabelo loiro, recostada no banco de trás. O que quer que fosse, ela não queria me contar.

— Conte para ela, Mads — Gin pressionou.

Minha irmã bufou e se endireitou. Fechou os olhos e depois abriu. A determinação surgiu em poderosas rajadas de cor naquelas profundezas verdes.

— Os caras que espancaram o papai destruíram o carro dele também.

Meu estômago queimou.

— Por que você não me contou antes? — A raiva desceu pela minha coluna e foi até as mãos. Fechei-as em punhos. Se alguém chegasse perto de mim agora, estaria ferrado.

— Eu só...

— Só o quê? Como você tem ido para a faculdade?

— Normalmente de ônibus, mas às vezes a Ginelle me leva. — Seu olhar se desviou para minha melhor amiga. Gin sorriu brevemente. — E tem o Matt, o cara de quem eu te falei. Ele me dá carona às vezes. Disse que vai me ajudar como puder. — A voz dela ficou tensa.

— Aposto que vai. Mads, isso não é seguro. Você não mora perto da faculdade e fica morta de cansaço depois das aulas. Como você faz quando precisa ficar até mais tarde na biblioteca? — Inspirei profundamente e expirei com raiva, me virando no banco. Minha irmã estava em risco, caramba. Não podia usar o carro do nosso pai porque Blaine e a porra dos capangas dele o destruíram. O que mais? O que mais poderia acontecer?

A mão de Maddy tocou meu ombro calorosamente.

— Está tudo bem, Mia. Eu estou bem. A gente se vira com o que tem, certo?

— Não mesmo. Vamos arrumar um carro pra você amanhã. Não acredito que você ficou a pé esse tempo todo. — Cutuquei o braço de Ginelle com o dedo. — Você, hein? Devia ter me contado. — Com um suspiro profundo, tirei o cabelo do rosto.

— Você não pode pagar, Mia... — Maddy tentou protestar.

— Não se atreva a me dizer o que eu posso ou não pagar. Você está sob a minha responsabilidade nos últimos quinze anos. Só porque está com dezenove, não significa que eu vou parar de cuidar de você num passe de mágica. — Apertei os

dentes, tentando controlar a irritação. — Meu Deus. Só de pensar em você andando do ponto de ônibus até a nossa casa, *naquele bairro*, me dá urticária, Mads! Não faça mais isso. Por favor, por mim — suavizei o tom. — Vou te comprar um carro amanhã. Ganhei um dinheiro extra com os dois últimos clientes.

— É mesmo? — Gin me olhou de soslaio, sabendo muito bem de onde viera o pagamento extra. — E como foi que você conseguiu isso, meu bem? Com o traseiro? — Ela riu.

Soquei seu braço... com força.

— Ai! Sua vaca! Isso foi totalmente desnecessário.

— Você me chamou de puta! Foi totalmente necessário. — Estreitei os olhos e a encarei. Mesmo dirigindo, eu sabia que ela podia sentir a intensidade do meu olhar.

— Tá bom, foi necessário. Mas eu vou fazer você olhar para o hematoma o tempo todo e morrer de remorso.

— Nem ligo. Você pode levar a Mads e eu para comprar o carro amanhã?

Ela assentiu.

— Tirei folga pelos dias que você vai ficar aqui.

— Ah, muito meigo da sua parte.

— Eu sei ser meiga. — Suas sobrancelhas se franziram.

— Eu não disse que não sabia.

— Mas deu a entender que eu geralmente não sou. Deixa eu te contar: ontem à noite eu estava com um cara, e ele foi lá pra baixo e disse que a minha vag... — Eu me inclinei e tapei sua boca com a mão.

— Que tal deixar isso para outra hora, vadia? — Fiz um gesto com os olhos, apontando para Maddy.

— Ah, me poupe — Maddy se intrometeu. — Como se eu não soubesse do que ela está falando. Você acha que eu sou muito inocente.

Soltei Gin e me virei num flash.

— Você quer dizer que *não* é inocente? — Eu apostaria cinquenta dólares que minha pele, normalmente bronzeada, empalideceu naquele momento.

Maddy cruzou os braços e revirou os olhos.

— Eu ainda sou virgem. Você sabe que eu te contaria. Caramba. Mas eu sei o que quer dizer “ir lá pra baixo”. Não sou idiota.

— Já aconteceu com você? — Prendi a respiração, sem ter certeza de que queria saber a verdade.

Ela balançou a cabeça, mordeu o lábio e olhou pela janela.

— Não, mas às vezes me irrita você agir como se eu fosse uma criança. Eu já sou adulta, sabia? Você precisa aceitar isso. Se eu quiser deixar um cara ir lá pra baixo e beijar a minha pepeca, vou fazer e pronto.

— Beijar a sua pepeca? — Gin repetiu. — Você quer dizer a sua boc... —

Apertei sua perna antes que ela pudesse soltar algo que aborrecesse Maddy ainda mais.

— Nem mais um pio — grunhi baixo. Seus olhos se arregalaram e ela bateu na minha mão. — Mads, você sabe que pode contar comigo, né? Se quiser falar sobre qualquer coisa desse tipo. — Estiquei o braço até o banco de trás e ela segurou minha mão. — Mesmo que eu não esteja aqui em Vegas, você pode me ligar sempre que quiser. De dia ou de noite, tá?

Ela se inclinou para a frente e encostou a testa em minha mão.

— Eu estava com saudade — sussurrou.

Apertei seus dedos.

— Eu estava mais.

Ela abriu seu sorriso perfeito. Caramba, Deus estava de bem com a vida quando me deu Maddy como irmã mais nova. Não poderia ter escolhido melhor.

— Então, para o centro de recuperação? — Gin perguntou, quebrando o momento.

— Sim. Eu preciso ver o pops.



O centro de recuperação ficava no alto de uma colina com vista para um longo trecho do deserto. Era estranho. Como se tivesse sido construído para manter as pessoas doentes e em recuperação adequadamente longe de Vegas, para que elas não maculassem o brilho e o glamour da Strip.

Involuntariamente, desacelerei o passo enquanto caminhávamos pelos corredores. As paredes eram pintadas de amarelo-claro. Mosaicos retratando o deserto decoravam o corredor.

Maddy parou diante de uma porta aberta.

— Ele está neste quarto. Quer entrar sozinha?

— Você não se importa? — Ela sorriu de um jeito suave. Minha irmã é uma alma velha. Sempre considerei um dom a forma como ela consegue ler as pessoas. Um dom que eu, certamente, não tenho. Talvez, se eu tivesse uma personalidade como a dela e aqueles olhos gentis, também conseguisse ficar longe de homens que não são bons para mim. Provavelmente era por isso que ela ainda era virgem. Conseguiu enxergar um cretino a quilômetros de distância.

— Venha, Gin. Vamos até a cafeteria ver se a sra. Hathaway fez os famosos biscoitos dela.

Os olhos de Ginelle se iluminaram, como se tivessem acabado de ver um diamante.

— Estamos lá fora. — Ela se agarrou ao braço de Maddy e as duas se afastaram em busca das guloseimas.

Respirei fundo e fechei as mãos trêmulas em punho.

Eu consigo. É o meu pai. Meu pops...

A passos lentos, entrei no quarto, caminhei ao redor da cortina, que havia sido puxada para garantir privacidade, e encontrei meu pai. Ele parecia estar dormindo, embora eu soubesse que não estava. As lágrimas turvaram minha visão quando me aproximei e sentei na cadeira perto da cama.

Sua mão estava ao lado do corpo. Eu a segurei, me inclinei e a beijei.

— Pops... — falei, embora mal pudesse ouvir minha própria voz. Pigarreando, tentei novamente: — Pai, sou eu, a Mia. Estou aqui — sussurrei. Segurando a mão dele contra o peito, cheguei o mais perto possível. Ele parecia um milhão de vezes melhor do que quando o encontrei, depois de ter sido espancado por Blaine e seus capangas, dois meses antes. Os hematomas do rosto tinham desaparecido. Duas finas cicatrizes rosadas cortavam sua testa e a lateral do rosto. Talvez ficassem lá para sempre, talvez desaparecessem. Só o tempo diria.

O restante do corpo parecia bem. Ele tinha perdido muito peso. Tanto que não parecia mais o meu pops fofinho. Era apenas uma casca sem vida que um dia abrigou um grande homem. Pelo menos ele foi um grande homem, antes de minha mãe ir embora. Sufoquei os soluços, mas as lágrimas caíram de qualquer jeito.

— Por que você teve que se envolver com o Blaine? Por quê?

Esfreguei o queixo em sua mão, inclinei o rosto em seu peito e deixei tudo sair. Minha raiva por ele ter se machucado, por ter pegado tantos empréstimos, por jogar, por ser um alcoólatra e por me deixar sozinha para arrumar a bagunça. Mais uma vez. Como sempre.

— Pai, você se superou dessa vez. As coisas que eu estou fazendo por você... — Deixei as palavras morrerem, sem querer admitir que era uma acompanhante de luxo.

Não importava se eu transava ou não com meus clientes, sempre seria uma coisa ruim. A palavra *acompanhante*, por si só, tem uma conotação pesada.

— Estou fazendo o que posso. Protegendo a Maddy. Cuidando para que ela siga em frente com a faculdade. Ela está indo muito bem. Até conheceu um cara... Talvez você precise acordar pra chutar a bunda dele. — Olhei para seu rosto, esperando, rezando para que ele abrisse os olhos. Nada aconteceu.

Peguei um lenço de papel na mesa de cabeceira e assoei o nariz.

— Eu conheci pessoas incríveis nos últimos dois meses. No começo, achei que trabalhar para a tia Millie seria um pesadelo, mas tem sido bem agradável, sabe? Meu primeiro cliente foi Weston Channing Terceiro. Sim, Terceiro. Eu debochava dele o tempo todo por causa disso.

Ri e voltei a pensar em Wes e no dia em que nos conhecemos. No momento em que o vi subir as escadas da praia, eu soube que ficaria envolvida por seu charme.

— O Wes me ensinou a surfar. E também me ensinou que nem todos os homens

são iguais.

Sorrindo, eu me recostei, apoiei os pés na beirada da cama e contei sobre meus dois caras favoritos. Falei sobre os filmes de Wes e que ele tinha uma ótima família. Prometi que, se meu pai acordasse, eu o levaria para ver um dos filmes de Wes e compraria um grande balde de pipoca para nós.

— Depois eu conheci o Alec. Ele é francês, pops. Um francês de verdade, juro por Deus. Ele me chamava de *jolie*, que significa bonita. Tenho de admitir que eu gostava.

Afastei uma mecha de cabelo do rosto e inclinei a cabeça para trás, olhando para o teto. Os azulejos acima da cama eram estampados com cenas praianas. Gostei. Pensar que, quando ele acordasse, a primeira coisa que veria seria a praia, e não a ardósia branca, tornava as coisas mais fáceis.

— O Alec me pintou, pai. Você não ia gostar muito de algumas telas, porque eu estava nua. Mas ele não se aproveitou de mim. Não mesmo. Nós nos divertimos e ele me amou. Só que foi muito diferente de qualquer tipo de amor que eu experimentei antes, ou dos sentimentos intensos e muito reais que tenho pelo Wes. Eu comparo ao meu amor pela Ginelle, mas na versão masculina e com um pouco mais de contato físico.

Muito mais, para ser sincera. Sorri e olhei para ele. Nada. Os olhos continuavam fechados.

— O Alec me ensinou que não tem problema eu amar outras pessoas além de você, da Mads e da Gin. Me mostrou que é possível se preocupar, amar de verdade e, ainda assim, não ficar com a pessoa pra sempre. Foi muito doce. O tempo que eu passei com ele me ajudou a enxergar algumas coisas sobre mim. É triste pensar que não vou mais vê-lo. Talvez eu veja o Wes. Ainda estou confusa em relação a ele, pops. — Olhei para seu rosto, tão sereno e calmo. Então soube que este seria o único momento em que eu poderia admitir o que vinha me afligindo havia mais de um mês. Dar voz aos pensamentos que estavam se arrastando em meu subconsciente.

Olhei para a porta e não vi ninguém. Sabendo que não havia bisbilhoteiros à vista, despejei tudo.

— Pai. — Minha voz tremeu. Umedeci os lábios e suspirei. — Talvez eu esteja apaixonada pelo Wes. Apaixonada de verdade. E sabe o que mais? — perguntei, mesmo sabendo que ele não poderia responder. — Isso me assusta pra caramba. O meu histórico é um lixo. Uma verdadeira porcaria. O meu coração quer se jogar, mas o cérebro me lembra de todos os idiotas que vieram antes. Fora isso, eu ainda tenho mais dez meses de trabalho até que a dívida com o Blaine seja paga. — Bufe. — Claro que o Wes se ofereceu para pagar. Me pediu para ficar. Mas eu não aceitei. Ele ficou em Malibu.

Descansei os olhos e me recostei na cadeira antes de colocar a mão sobre meu coração. Doía. Estava machucado pela perda da promessa de algo mais com Wes. Eu não podia aceitar. Mas queria. Mais do que já quis qualquer coisa. Eu não era o tipo de mulher que tem ideias de grandeza, que acredita que a vida é dinheiro, carros e juventude sem fim. Não. Eu cresci pobre, trabalhei duro, tive de cuidar da minha irmã e ajudar meu pai a sobreviver. A vida de Wes não chegava nem perto da vida que eu levava, e isso ajudava a fazer dele um cara atraente. Porém não era o momento para mim e Wes. Por isso tinha sido tão fácil cair nos braços de Alec. Até que realmente pudesse acontecer, havia muita vida e experiências para encarar.

— Eu gostaria que você acordasse. — Segurei sua mão e a beijei mais uma vez. — Anda, pai, acorda. Nós precisamos de você. A Maddy precisa de você. Eu preciso de você.

Minha irmã e Ginelle voltaram alguns minutos depois. Ouvi Maddy contar ao nosso pai sobre a faculdade, deixando de lado, propositalmente, o cara. Planejei especular a respeito daquilo mais tarde. Então Gin contou algumas piadas que tinha aprendido recentemente. Em meio a tudo isso, três pares de olhos o observavam, esperando algum sinal de que ele ainda estava lá. De que meu pai já não tinha nos deixado.

Antes de irmos embora, o médico fez um resumo de seu quadro. Fisicamente ele estava bem, quase totalmente curado de todas as lesões. Um fisioterapeuta vinha todos os dias trabalhar com suas pernas e seus braços. Eles ensinariam Maddy a fazer isso, para dar mais estímulos ao nosso pai. Eu odiava o fato de ela ter que aprender aquilo. Me matava saber que não seria eu a pessoa que ajudaria minha família a passar por isso.

Quando saímos, eu estava muito chateada e precisava desabafar. Casa. Precisava ir para casa. Comer comida caseira, tomar cerveja com minha melhor amiga e descansar dos últimos dois meses. No dia seguinte, eu me encontraria com Blaine.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A garota do calendário – Fevereiro

Skoob do livro

<https://www.skoob.com.br/livro/583671ED585282>

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Vídeo sobre a série no Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=CjCo6E20uHw>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[Agarota do calendário | Março](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[A garota do calendário | Março](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)